ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

# A CRIANÇA E A REALIDADE NA OBRA "A CASA DA MADRINHA", DE LYGIA BOJUNGA NUNES

JUCILÉIA BASSI

8x
C3256 9757

82.09
B302c

PONTES E LACERDA, AGOSTO DE 2002

não
BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
RG Nº 7463
Data 06 / 11 / 02

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

# A CRIANÇA E A REALIDADE NA OBRA "A CASA DA MADRINHA", DE LYGIA BOJUNGA NUNES

Ensaio Monográfico apresentado à UNEMAT/ Campus de Pontes e Lacerda como requisito final para a obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. José Maria de Souza

Pontes e Lacerda, agosto de 2002

*Dedico a minha mãe Lori, por estar ao meu lado em todos os momentos difíceis pelos quais passei, por seu apoio para que este trabalho se concretizasse e o meu sonho fosse realizado.*

*Agradeço a todos os meus familiares por sempre estarem incentivando-me para que nunca desistisse de alcançar o meu objetivo, principalmente aos meus irmãos, a minha irmã, minha mãe como também a minha madrinha;*

*A todos os professores que contribuíram para o meu enriquecimento durante os anos da faculdade e pelo apoio de meu orientador José Maria;*

*Aos meus colegas de sala que ajudaram-me de uma forma ou de outra a vencer. Enfim a todos que nunca esqueceram de mim.*

*"O homem nunca pode deixar de sonhar. O sonho é o alimento da alma, como a comida é o alimento do corpo."*

*(PAULO FREIRE)*

# SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO**.....7

CAPITULO I

As dificuldades da criança em interagir com a sociedade.....9

CAPITULO II

As relações familiares de Alexandre.....19

CAPITULO III

A criança em busca de sua realização.....29

Fantasia e imaginação no universo infantil.....46

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....65

**REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO** .....67

# INTRODUÇÃO

A literatura é uma arte que sempre esteve participando de uma forma ou de outra de nossa vida, esta é uma das artes mais populares que existem e para nós tem um significado especial, pois é ela que transmite tudo o que precisamos para viver em caminhos mais iluminados e calmos. É através da literatura que vivenciamos vários momentos ligados a fantasia e também podemos refletir sobre os vários acontecimentos que ocorrem em nossa sociedade como sobretudo o que acontece no interior de cada pessoa.

Dentre os autores que destacam-se nesta arte que é a literatura e em especial literatura infantil está Monteiro Lobato, um dos precursores deste gênero literário em nosso país e em seguida temos a presença da autora Lygia Bojunga Nunes, uma entre os vários outros autores que destacam-se na atualidade, sendo elogiada e adquirindo prestigio entre os críticos.

Esses dois autores escrevem de forma simples e adequada à fase infantil e nesta forma de transmitirem as suas idéias, mostram os problemas que existem em nossa sociedade, porém Lygia Bojunga Nunes pretende mostrar não só os problemas sociais como também os conflitos existentes no interior das personagens, como o medo, as angústias causadas por vários motivos, tratando destes assuntos com a mistura do real e do fantástico.

O objetivo deste trabalho é de através da análise da obra "A Casa da Madrinha", de Lygia Bojunga Nunes mostrar a realidade de nosso país e qual é o comportamento dos adultos, o que isso reflete na criança, e qual é o seu comportamento em relação aos acontecimentos desta realidade e também notar qual é o pensamento da autora sobre os assuntos que trabalha nesta obra, fazendo uma relação com outras obras da autora e com o pensar e a obra " O Sítio do Pica-Pau Amarelo", de Monteiro Lobato.

Mostraremos, a seguir, como as famílias estão estruturadas, como é a sua convivência e como a criança se sente ao enxergar os acontecimentos e a sua reação diante disto tudo, finalizando com o elemento fantástico que é um dos elementos que faz parte da infância e que ajudam a mesma a entender as coisas mundo. Assim proporcionaremos com que os leitores tenham uma visão crítica da sociedade e conheçam um pouco mais sobre o universo da criança.

Abordar os conflitos do menino Alexandre me interessou, pois a obra "A Casa da Madrinha", de Lygia Bojunga Nunes é uma obra que apresenta um discurso estético muito apurado e que envolve o leitor ao ponto de despertar a necessidade de compreender minuciosamente alguns aspectos essenciais da obra. Assim, àqueles que se sentiram instigados com a obra apresentamos aqui alguns aspectos que envolvem essa obra literária tão fascinante.

# CAPÍTULO I

## AS DIFICULDADES DA CRIANÇA EM INTERAGIR COM A SOCIEDADE

A obra "A casa da madrinha" (1978), de Lygia Bojunga tem como personagens animais que representam situações humanas problemáticas como a insegurança, a busca pela amizade e pelo amor e a auto-afirmação; discute sobre as dificuldades da criança no mundo adulto, sendo marcada por uma linguagem os grandes centros urbanos brasileiros revelando assim uma opção pela atualidade nacional. Desta forma esta obra fala ao homem e a criança de nosso tempo todas as condições indignas de vida oferecidas a população, como as pessoas são consideradas e que isto não impede de que essas pessoas possam sonhar com um projeto de vida que tem a esperança de que algo se concretize.

Neste sentido esta obra tem por ousadia afirmar uma utopia de que ainda é possível que o homem siga em busca de uma estrela que o possa guiar para uma casa que o acolherá, por denunciar os comportamentos humanos que seriam escolha da vontade de ser e do pensar de cada um e por falar-se em liberdade como também por ser uma obra atual, por esta busca estar representada em nós.

A obra "A Casa da Madrinha", de Lygia Bojunga Nunes é narrada em 3ª pessoa e sua linguagem é simples, não apresenta uma narrativa linear, pois é uma narrativa que tem como marca o vaivém cronológico nos procedimentos artísticos e

estilísticos utilizados pela autora, tornando-se assim uma obra criativa e original que é um marco tanto trajetória ficcional da autora Lygia Bojunga Nunes como da literatura infantil brasileiro.

Com a mistura do realismo cotidiano e do maravilhoso a autora Lygia Bojunga Nunes permite várias leituras de suas narrativas e todos os elementos que compõem a sua obra possuem um equilíbrio perfeito, apresentam-se bem ordenados, com o por exemplo citamos que os desenhos feitos.

Na obra "A Casa da Madrinha" podemos notar que o menino Alexandre guarda muitos medos dentro de si, pois em várias situações demonstra que não sabe lidar com este sentimento, age de forma diferente e muda seu jeito de ser, revelando-se inseguro para enfrentar problemas, pois o medo consome o ser humano e então ele foge ao invés de enfrentá-lo toda vez que se sente ameaçado. O fato pelo qual Alexandre sente medo do Pavão está relacionado ao sentido da palavra Pavão, por transmitir algo de apavorante para o menino. Segundo Laura Sandroni: "*Uma atmosfera de medo é reproduzida pela interação do sufixo - ão* (...) *sonoro e redundante, funcionando como uma gradação de intensidade.*[1] Percebemos isto quando o Pavão tenta aproximar-se de Alexandre, ele fica com medo e foge.

> *Mais que depressa o Pavão respondeu:*
> *-- Tô indo. Mas não sei pra onde é que eu tô indo. Alexandre se mandou. Aos tropeções. Tateando. Uma topada atrás da outra. Sem nenhuma idéia pra onde é que estava indo. Mas sozinho ali com aquele cara ele não ficava. De jeito nenhum.*
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha,* 1997: 19)

[1] Idem, pág. 95

Para Alexandre, as pessoas que não fazem parte de sua família são estranhas, estas pessoas para ele estão distantes de seu mundo e são totalmente diferentes das que ele está acostumado a interagir, assim fica cada vez mais difícil para o menino aproximar-se delas e isso afeta-o emocionalmente, levando-o a ser uma criança retraída. Em "O Sofá Estampado", o tatu, Vítor, também não se relacionava com outras pessoas além das que faziam parte de seu ambiente familiar, pois era tímido demais para isso e a cada dia que passa torna-se mais difícil para Alexandre ver uma pessoa e ter por ela um sentimento de amizade, porque tanto Alexandre quanto Vítor têm pouco conhecimento de mundo e sobre os acontecimentos sociais. Os seus conhecimentos são restritos apenas aquele em que estão acostumados a viver., *ao nascer o indivíduo ainda não é considerado membro da sociedade, mas ele tem uma predisposição para a sociabilidade e ao manter um contato com outras pessoas então torna-se um membro da sociedade.*[2]

Não é a partir do nascimento que o indivíduo começa a fazer parte da sociedade, mas sim quando ele começa a interagir com as outras pessoas de sua comunidade, bairros, cidades, estados e países. Segundo Laura Sandroni é na obra "A Bolsa Amarela", de Lygia, que há um maior número de objetos que têm vida própria, simbolizando cada um deles determinados conflitos interiores de Raquel, personagem principal. Os medos que Alexandre sente estão relacionados aos conflitos existentes em sua infância, pois o menino assim como nós também sente medo das pessoas estranhas. A maioria dos seres humanos temem o desconhecido e Alexandre via o Pavão assim, como um desconhecido. A forma como o ser humano relaciona-se em sociedade faz com que ele

[2] Berger e Luckmann, Peter L & Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*, 1998 : 173.

veja o mundo de maneira diferente: Sobre isto comenta Peter L. Berger e Thomas Luckmann: (...) *na forma complexa da interiorização, não somente 'compreendo' os processos subjetivos momentâneos do outro, mas 'compreendo' o mundo em que vivemos e esse mundo torna-se o meu próprio.*[3]

Através do relacionamento com outras pessoas é que podemos perceber o que acontece na vida em sociedade; conhecendo melhor os seres humanos passamos a compreender o mundo em que vivemos, e assim, entender como os indivíduos interagem e relacionam-se apesar de seus defeitos e de suas qualidades. Portanto após conhecermos o mundo, teremos mais facilidade para aceitá-lo como nosso e ao conhecermos o desconhecido, deixamos de temê-lo.

O medo está relacionado ao que existe na imaginação e também no mundo real. Na imaginação encontramos fantasmas, monstros, bruxas e outros criados pela imaginação dos adultos para assustar as crianças. Dentro do mundo real há vários tipos de medos, fobias e pânicos, pois nós seres humanos estamos expostos a tudo que existe neste mundo. Segundo afirma Benedito Nunes: *Ao nos entediarmos ou alegrarmos, estamos abertos ao mundo, já dispostos, de determinada maneira, para com o ente em seu todo.*[4]

O medo dá uma inquietação, um tédio e um pavor diante do perigo real e do qual supomos existir e esse sentimento incomoda a todo momento. Sempre que nos deparamos com o medo ficamos aflitos, como afirma Benedito Nunes, o medo que uma pessoa sente é de algo intramundano, significa um perigo a que sempre estamos expostos, surge de algum lugar sendo ele familiar que nunca nos deixa à vontade.[5]

---

[3] (Berger e Luckmann, *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento,* 1998 : 174)

[4] (Benedito Nunes, *Passagem para o Poético. Filosofia e poesia em Heidegger,* 1986 : 107).

Na tentativa de aproximação do Pavão com Alexandre um nevoeiro cobre todo o ser do menino, ele não consegue ver o animal e Benedito Nunes coloca que o "nevoeiro" é uma metáfora na qual o menino vê o mundo de forma distorcida. Conforme Benedito Nunes: *A metáfora do sombrio, do nevoento, do chuvoso acompanha a expressão do tédio em sua 'pálida indiferença' afetiva,* (...) *O mundo se apresenta globalmente como realidade dissipada, liquefeita e ensombrecedora* (...) (Benedito Nunes, *Passagem para o Poético. Filosofia e poesia em Heidegger,* 1986 : 107).

O nevoeiro representa todo o medo de Alexandre, em relação às outras pessoas e o que sentiu no momento em que o Pavão estava se aproximando dele. Sobre isto comenta Laura Sandroni: *O universo metafórico de Lygia Bojunga Nunes é de grande riqueza polissêmica possibilitando várias leituras. Uma delas é a leitura crítica com relação ao contexto social que ela tematiza.*[6] Esse nevoeiro representa também todos os sentimentos ruins que afligem Alexandre e sempre estão à sua volta, percebemos isto quando o menino senta em sua viagem e o nevoeiro começa a aproximar-se dele:

> *Parou, olhou a mata ali do lado, viu um toco bom para sentar e sentou. E uns cinco minutos depois o nevoeiro chegou. Era um nevoeiro maroto, que adorava meter medo. De longe ele viu Alexandre sentado e veio vindo por trás sem fazer barulho nenhum. A névoa era que nem fumaça grossa: era só ela passar que ia tudo sumindo.*
> *O nevoeiro rodeou Alexandre* (...)
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha,* 1997 : 17 – 18)

[5] Benedito Nunes, *Passagem para o Poético. Filosofia e poesia em Heidegger,* 1986 : 108.

Neste nevoeiro Alexandre não consegue enxergar o mundo de forma clara, não consegue ver o que está ao seu redor, o que pode e o que não pode fazer sentido para sua vida, as coisas tornam-se obscuras a sua frente e a única coisa que prevalece são os sentimentos, ele não vive a vida intensamente, deixa muitos momentos bons e bonitos para trás.

Aquilo que uma criança sente pode ser causado por vários motivos. As crianças são seres muito sensíveis a tudo o que acontece ao redor delas e que as inclui, também faz com que ela sinta isto e a leve a olhar para as coisas de outra forma. Com Alexandre o que aconteceu foi que pelo fato de viver como vive deixou-o sentir medo das pessoas e do escuro e isto o levou a ficar angustiado. Segundo Marie–José Chombart de Lauwe, os sentimentos de angustia e de temor de uma criança estão relacionados a vários objetos e situações e as mais freqüentes são o temor do escuro e do negro.[7]

Os medos que envolvem Alexandre são conseqüências da relação entre ele e o pai, a imagem que o menino guardou da figura paterna é de um homem que afasta-se e esquece da família, não dá atenção e carinho aos seus familiares, então esse fato está relacionado ao fato de Alexandre não se relacionar com outras pessoas, pois assemelha estas ao seu pai, que serão agressivas com ele e o desprezarão de alguma forma. Na obra a "Corda Bamba" a personagem Maria também tem conflitos, após a morte de seus pais, em "A Bolsa Amarela", a autora Lygia Bojunga Nunes cria várias objetos que têm vida

---

[6] (Sandroni, *De Lobato a Bojunga. As Reinações Renovadas,* 1987 : 84).

própria e cada um deles simboliza um determinado conflito interior da personagem Raquel.

O medo de relacionar-se com outras pessoas faz com que Alexandre fique fechado no seu mundo, sem conhecimento de outras formas de relação, como: amizade, carinho, amor, respeito e atenção; estes são sentimentos que conquistamos através do conhecimento da nossa realidade e não somente pela razão e inteligência. De acordo com Nelly Novaes Coelho, a criança e o povo só tem conhecimento da realidade através do sensível, do emotivo e da intuição, estes não conseguem conhecê-la através do racional ou da inteligência, são diferentes da mente adulta e culta, pois na criança e no povo predominam o pensamento mágico e ele tem sua lógica própria.[8]

A criança e o homem não têm conhecimento da realidade através do racional, estes só conseguem conhecer a realidade quando algo mexer com seus sentimentos, que emocione-os. A mente da criança não tem a percepção para conhecer e entender a realidade como acontece com a mente adulta. Conforme Laura Sandroni: *São os problemas do dia-a-dia, a luta pela sobrevivência numa sociedade discriminatória., o verdadeiro sentido do escuro, símbolo do medo*(...)[9]

Outro conflito que atormenta Alexandre é justamente o medo do escuro, a escuridão assusta-o, pois ele não sabe o que pode encontrar no meio da penumbra. Sabemos que as crianças têm uma mente fértil ao retratar o imaginário ou fictício e Alexandre entra em pânico, sente-se inseguro toda vez que se depara com este tipo de situação. Benedito Nunes nos fala que: *Não somos temerosos por nos sentirmos*

---

[7] (Lauwe, *Um outro mundo: a infância,* 1991 : 408)
[8] (Coelho, Nelly Novaes. *Literatura Infantil. Teoria – Análise – Didática,* 1997 : 36)
[9] Sandroni, *De Lobato a Bojunga. As Reinações Renovadas,* 1987 : 125)

própria e cada um deles simboliza um determinado conflito interior da personagem Raquel.

O medo de relacionar-se com outras pessoas faz com que Alexandre fique fechado no seu mundo, sem conhecimento de outras formas de relação, como: amizade, carinho, amor, respeito e atenção; estes são sentimentos que conquistamos através do conhecimento da nossa realidade e não somente pela razão e inteligência. De acordo com Nelly Novaes Coelho, a criança e o povo só tem conhecimento da realidade através do sensível, do emotivo e da intuição, estes não conseguem conhecê-la através do racional ou da inteligência, são diferentes da mente adulta e culta, pois na criança e no povo predominam o pensamento mágico e ele tem sua lógica própria.[8]

A criança e o homem não têm conhecimento da realidade através do racional, estes só conseguem conhecer a realidade quando algo mexer com seus sentimentos, que emocione-os. A mente da criança não tem a percepção para conhecer e entender a realidade como acontece com a mente adulta. Conforme Laura Sandroni: *São os problemas do dia-a-dia, a luta pela sobrevivência numa sociedade discriminatória., o verdadeiro sentido do escuro, símbolo do medo*(...)[9]

Outro conflito que atormenta Alexandre é justamente o medo do escuro, a escuridão assusta-o, pois ele não sabe o que pode encontrar no meio da penumbra. Sabemos que as crianças têm uma mente fértil ao retratar o imaginário ou fictício e Alexandre entra em pânico, sente-se inseguro toda vez que se depara com este tipo de situação. Benedito Nunes nos fala que: *Não somos temerosos por nos sentirmos*

---

[7] (Lauwe, *Um outro mundo: a infância,* 1991 : 408)
[8] (Coelho, Nelly Novaes. *Literatura Infantil. Teoria – Análise – Didática,* 1997 : 36)
[9] Sandroni, *De Lobato a Bojunga. As Reinações Renovadas,* 1987 : 125)

*temerosos*[10], isto é, não temos medo porque queremos ter, mas sim porque é algo mais forte do que nós, que foge do controle, tanto da criança quanto do adulto.

O escuro pode trazer lembranças ruins para muitas pessoas ou até mesmo um certo pânico, pois a escuridão pode significar o fim, como a morte, embora há pessoas que gostam do escuro para pensar e refletir sobre suas vidas. Isto acontece com Alexandre quando está no escuro, ele lembra-se de coisas não agradáveis em sua vida e reflete sobre sua infância. Este medo do escuro surge quando Alexandre, Vera e o Pavão, ao ultrapassarem uma cerca, entram no escuro:

> *Alexandre falou cochichando (para ver se o medo não ouvia):*
> *- Parece que eu estou todo amarrado. É o medo que deixa a gente assim, não é?*
> *- É.*
> *- Os três se encolheram. Pra dar mais lugar pro medo, pra não encostarem nele ficaram assim um tempão.*
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha,* 1997 : 80)

O escuro traz para Alexandre lembranças de seu pai, pois quando chegava em casa bêbado o menino ficava com medo , apavorado, não sabia o que seu pai poderia fazer.

Outro ponto importante é quando uma criança mora em um ambiente, onde existem muitos desentendimentos entre os familiares, principalmente entre os pais, causando várias brigas entre essas pessoas, a criança começa a sentir-se aflita, vários sentimentos são vividos por ela. Em relação à Alexandre, as brigas que poderiam ter ocorrido em sua casa, com seu pai chegando bêbado e discutindo com sua mãe, seus irmãos e irmãs, e sua mãe tentando muitas vezes proteger seus filhos de algo de ruim que

---

[10] (Benedito Nunes, *Passagem para o Poético. Filosofia e poesia em Heidegger,* 1986: 108)

poderia acontecer, isto deixou-lhe angustiado, ele não desejava que isto acontecesse. Conforme afirma Marie–José Chombart de Lauwe, quando existem descontentamentos e brigas em uma família, estes acontecimentos fazem a criança mergulhar na angústia.[11]

A angústia é um sentimento que indica o desejo que temos de possuir alguma coisa, a mesma por ser um sentimento não pode ser dita, pelo fato de que transmite verdades. O que Alexandre sentia era vontade de ter um lar diferente onde existissem o amor, a compreensão entre as pessoas e tivesse a atenção necessária e também um lar onde existisse condições de vida melhor, no caso financeira: comida, roupa e calçado, ou seja, uma sociedade mais digna. Segundo Maria Inês França:

> (...) *a indizível angústia é efeito que indica a verdade do desejo que não pode ser dita no plano da consciência, justo porque mostra o estatuto de parcialidade de verdade, deixando entre–ver e entre–dizer o espaço de ignorância e o desconhecimento, intervalo do que não pode ser dito, e que denuncia a falta no saber.*
>
> (FRANÇA, *Psicanálise, Estética e Ética do desejo*, 1997 : 3)

Alexandre também sente medo e angústia por viver na favela, a forma de vida de uma pessoa que mora num lugar assim é bem diferente da realidade de outros ambientes, pois o menino vive em um lugar onde a violência faz parte de seu cotidiano retratada pelos marginais e traficantes. Isso pode causar uma angústia, um trauma muito grande em qualquer criança, por isso Alexandre tinha medo do escuro, ele sentia-se preso, sem ter liberdade. Segundo Benedito Nunes: (...) *o poder ser livre, inseparável da escolha*

---

[11] (Lauwe, *Um outro mundo: a infância*, 1991 : 320)

*como raiz de toda resolução e de todo ato de vontade, a angústia detém a chave daquilo mesmo que nela se abre: o Nada.*[12]

A solução dos problemas está em nós mesmos, temos capacidade suficiente para resolver as situações que nos afligem, pois somos nós quem nos deixamos levar pelos problemas, as angústias são as conseqüências de nossas fraquezas e fracassos quando descobrimos a raiz de nosso sofrimento, veremos que não é nada impossível de ser resolvido e então teremos a chave do problema.

Toda a criança passa por uma fase na qual sente medo de alguma coisa, pois é na infância que surgem os monstros e os fantasmas. Esses medos surgem mais durante a noite quando a criança se sente sozinha. Já os medos de Alexandre não são normais, ele não sente medo por estar em uma fase de sua infância. Segundo comenta Benedito Nunes : *Ao contrário do medo, que se manifesta sempre por via de um ente determinado* (...) *de que a ameaça provém, o perigo, que se declara na angústia, e que não expõe o prejuízo real, ou o efeito nocivo imediato* (...)[13]

Então o que Alexandre sente é angustia, pois o medo é de algo que possa lhe causar algum perigo, e já angústia revela seu efeito de forma imediata, mas sim com o passar do tempo pode-se perceber as conseqüências que uma infância problemática pode causar, hoje uma criança angustiada, amanhã um adolescente rebelde e, no futuro, quem é que sabe? Há crianças que choram quando sentem medo, o choro é como se fosse uma forma de fuga.

---

[12] (Benedito Nunes, *Passagem para o Poético. Filosofia e poesia em Heidegger,* 1986 : 114)
[13] (Benedito Nunes, *Passagem para o Poético. Filosofia e poesia em Heidegger,* 1986 : 109).

# CAPÍTULO II

## AS RELAÇÕES FAMILIARES DE ALEXANDRE

A obra "A casa da Madrinha", de Lygia Bojunga Nunes traz a história do menino Alexandre, que vive com sua família em uma favela, no Rio de Janeiro, em Copacabana, que como todas as outras tem muita pobreza, violência, falta de saneamento básico, água tratada, onde existem poucas condições de vida e tanto Alexandre como a família sofrem para poder sobreviver. Ele, seu irmão mais velho e o irmão Augusto, desde pequeno tem que vender picolé, sorvete, amendoim, biscoitos na praia, as duas irmãs trabalham de empregadas domésticas, a mãe lava roupa para e o pai é um alcoólatra, que já não consegue nem trabalhar. Notamos isto quando o menino Alexandre conta para sua amiga Vera o lugar onde ele e seus familiares moram: (...) *Lá em Copacabana tinha um morro, no morro tinha uma favela, na favela tinha um barraco, no barraco tinha a minha família, na minha família tinha a minha mãe, eu, meus dois irmãos e minhas duas irmãs* (NUNES, *A Casa da Madrinha,* 1997: 35).

Sabemos que as favelas concentram-se nas encostas dos morros, e são fruto de uma ocupação desordenada. Infelizmente com a falta de consciência dos governantes, que não investem dinheiro em construção de casas populares, estas famílias sem alternativas, ocupam as áreas de morros, beira de rios, constróem seus barracos sem qualquer infra-estrutura, e ficam expostas a vários perigos. Este é o caso da família de Alexandre, que mora em um morro de uma favela no Rio de Janeiro, que além do perigo em relação à violência, ainda corem o risco de perderem sua casa em desabamento causados pela chuva, pois como Alexandre fala a casa de sua família é um barraco, não tem estrutura para agüentar alguma coisa que possa ocorrer. [14]Pesquisas do Almanaque

---

[14] Almanaque Abril, 2002: 152.

Abril revelam que *cerca de 30 mil vivem em locais de risco à beira de rios ou em áreas de desabamento nas encostas dos morros.*

O personagem Alexandre e sua família, representam muitas pessoas que estão jogadas e esquecidas em nossa sociedade, que são desprezadas por um sistema injusto que não olha para esta realidade. Alexandre vive em condições difíceis, não tem calçado para colocar nos pés e as roupas que veste são velhas. Observamos isto quando ele conhece a amiga Vera, que enxerga nele a sua situação: *Espiou Alexandre de rabo de olho. Ele era mais queimado do que ela, mais alto, falava mais gostoso, tinha roupa velha e pé no chão* (NUNES, *A Casa da madrinha,* 1997:15)

Apesar dos estudos feitos pelo senso mostrarem uma qualidade de vida melhor no Brasil, as desigualdades sociais permanecem, a renda se concentra na mão de poucos, enquanto muitos continuam passando dificuldades, como vemos todos os dias em reportagens, principalmente na televisão que nos mostra a realidade da vida das pessoas que moram nas periferias das grandes cidades. Percebemos que a maioria da população não consegue suprir as necessidades primárias de um ser humano, como alimentação, vestuário, uma moradia decente. A família de Alexandre é desta grande maioria que passava fome, e o único alívio para o que sentiam era dormir e sonhar que o dia seguinte seria melhor, alimentavam-se de esperança e de sonhos, isto fica claro em falas de Augusto e Alexandre quando se referiam à casa da madrinha:

> *-- Pois é. E, sabe? Na cozinha tem outro armário igualzinho. Só que é pintado de branco. O que sai lá de dentro, ah, nem é bom pensar.*
> *-- Sai coisa ruim?*
> *-- Ruim? Ruim é aqui que a gente vive pensando se vai ter comida ou não.*
> *-- Por falar nisso, Augusto, tô com um buraco danado na barriga.*
> *-- Dorme que o buraco passa.*
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha,* 1997 : 46)

A sociedade em que vivemos é cheia de problemas, que muitas vezes são difíceis de resolver, por causa da falta de solidariedade das pessoas com as instituições direcionadas a estes fatores, que podemos considerar isto tudo como real. Conforme João Francisco Duarte Júnior: *O real é o terreno firme que pisamos em nosso cotidiano.*[15]

---

[15] (Júnior, 2000:8)

Enquanto o dicionário Aurélio traz uma definição diferente da de João Francisco Duarte Júnior, pois para este o real é *que existe de fato, verdadeiro.*[16] Na família de Alexandre o pai demonstra muita fraqueza para enfrentar os problemas que lhe afligem, e vai distanciando-se dos filhos e da família. Ele tenta enfrentar os obstáculos da vida, mas não consegue solucionar os problemas, entra em desespero ao perceber que a cada dia que passa seus familiares encontram-se em situações ainda piores. Quando o pai do personagem perde as esperanças, ele encontra na bebida um meio de aliviar seu sofrimento, assim acaba tornando-se um alcoólatra. e esquece de sua vida familiar e social. Isto pode ser percebido quando a amiga de Alexandre, a Vera, pergunta para Alexandre sobre seu pai: - *Você não disse que tinha pai? / Tenho. Mas ele foi bebendo cada vez mais cachaça e então virou bêbado. / Agora não trabalha, não faz nada, só vive caído no chão.*[17]

Como o pai de Alexandre muitos outros pais não só por este motivo, mas também por outros acabam mergulhando no mundo do vício, uma fuga que pode proporcionar alívio para os problemas, mas na verdade causa mais problemas e os mais prejudicados com isto tudo são os familiares e principalmente os filhos, que são os que mais sofrem com a situação do pai. Conforme Juberty Antônio de Souza. (...) *as incapacidades relacionadas ao álcool consistem em disfunções físicas, psicológicas e sociais que advém direta ou indiretamente ao uso excessivo da bebida e a dependência.* [18] Observamos que na obra "Tchau", de Lygia Bojunga Nunes, a personagem "Rebeca" é filha de um casal que, com o passar dos anos, o amor que sentiam um pelo outro foi desgastando-se e a mãe procura outra pessoa. Assim, seu pai busca na bebida o esquecimento dos problemas familiares, do afastamento de sua mulher.

Os pais que se entregam ao alcoolismo afastam-se dos filhos, rejeitando-os e não dando-lhes a atenção merecida, deixam de participar do seu desenvolvimento, suas descobertas, enfim todos os acontecimentos que envolvem a vida de uma criança, como as amizades e a vida escolar. O pai de Alexandre, na situação em que se encontrava, vivendo caído no chão, não tendo convívio com sua família, em especial com o filho,

---

[16] (Aurélio, 1986:1455)
[17] (Nunes, 1997:35)
[18] w.w.w. aids.gov.br.

esquece de viver junto com Alexandre os momentos que ele passou na escola, a preocupação que o menino sentiu em relação à perda da maleta da professora e as alegrias que passou neste lugar, os momentos de seu trabalho, suas dificuldades para poder ajudar a família e dos sonhos de um dia poder ter uma vida melhor. Segundo afirma José Chombart de Lauwe: *Outros pais caracterizam por sua ausência da vida da criança: ausência imposta por suas condições de vida, pelos papéis que lhes fizeram desempenhar, por sua indiferença real ou sentida por seu filho.* [19]

Em nossa sociedade costuma-se colocar a responsabilidade da educação dos filhos sobre as mães e se esquece da figura do pai, quando na verdade os pais são muito importantes na formação dos filhos. Se o pai não é um pai presente na vida dos filhos pode causar sérios problemas. Como vimos Alexandre por não ter o seu pai por perto, se ausenta e anula-se, o mesmo tem medo de muitas coisas e não consegue relacionar-se com as pessoas, tudo isto atrapalha a vida dele. Se o pai de Alexandre tivesse estado mais presente na vida do mesmo certamente ele seria um menino diferente. Em relação a isto comenta Aida Veiga: (...) *continua hábito disseminado, ainda que não falado e muito menos admitido, transferir filho, com armas e bagagem, para a responsabilidade única da mãe – como se fosse uma figura meio descartável na formação da criança. Não é, e sua falta rende problemas para a vida inteira.*[20]

Veiga relata que pesquisas realizadas pelo Data Folha mostrou que 70% dos menores que se envolvem com crimes e roubos, sendo considerados menores infratores e estes acabam indo para a Febem, não tem uma aproximação com os pais, ou seja, não vivem com eles. O homem, ao pensar em ter um filho, deve não apenas lembrar dos momentos felizes que vai vivenciar, mas lembrar do seu compromisso, da seriedade que é um filho, sabendo das dificuldades que irá enfrentar para criar os mesmos e a estes, dar a atenção necessária, ajudando em sua formação. Conforme Joseph Califano: *Não estamos fazendo apologia do casamento, mas, quando decide ter um filho, o homem precisa estar consciente de que este, sim, é um compromisso indissolúvel.*[21]

---

[19] (Lauwe, 1991: 178)

[20] (Veiga, 1999:100).

[21] (Veiga, 1999:100).

Existem pais que esperam os filhos atingirem a fase da adolescência para aproximarem-se deles, porém, nesta fase, os filhos sentem-se incomodados com o que os pais falam, desejam ter liberdade, é a fase de rebeldia. Na verdade, a fase da infância é a parte da vida onde os pais devem ficar mais perto dos filhos, para ajudá-los em seu desenvolvimento, e esta ajuda vem através de brincadeiras. Para Alexandre, seria muito importante a presença de seu pai na sua infância, pois as crianças escutam mais os adultos, assim se tornaria um adulto comportado, amoroso e compreensivo, como também teria mais coragem de enfrentar os problemas psicológicos e sociais, conseguindo vencê-los. Sobre isto Aida Veiga diz que: (...) *as brincadeiras de infância típicas de pai-filho, como jogar bola ou se arriscar na roda-gigante, ajudam a criança a aperfeiçoar sua habilidade de se envolver com os outros, lidar com frustrações e resolver problemas.*[22]

Veiga coloca que um exemplo de pai é aquele que diz ao filho o que é certo e o que é errado, pondo-o na direção certa e encaminhando-o a um a caminho mais seguro, incentivando-o na realização de seus sonhos. Há também os que não cumprem seu papel de pai como os ausentes, que são ainda piores. O pai de Alexandre não tem contato com os filhos, ele não é considerado um bom pai, pois além de perder os momentos maravilhosos que poderia estar vivenciando com os filhos, estes também perdem de conhecer mais do seu pai e viverem na presença deste personagem que existe na maioria das famílias. *Fica portanto, o alerta: o paizão que permite tudo não está cumprindo a contento seu papel. O pai-fera, que não permite nada, tampouco. Mas ambos ainda somam mais pontos a seu favor do que o pai que se ausenta...* [23]

O menino Alexandre apesar de sentir a falta de seu pai e por causa da ausência deste personagem familiar viver em conflitos, este quando pergunta se ele tem pai revolta-se contra essas pessoas e fala que ele tem sim um pai, sabe de sua existência, conhece a pessoa que ajudou a colocá-lo no mundo, que deu-lhe a vida, reconhece que é igual aos outros por ter um pai, porém entende que não é igual aos outros, por este pai mostrar-se de forma diferente. Percebemos isto quando a amiga de Alexandre, Vera,

---

[22] (Veiga, 1999 :102)

pergunta a ele se tem pai: *-- E você também tem pai?/ - Claro que eu tenho! - levantou com um jeito decidido: - Tenho mãe, tenho casa, tenho tudo...*[24]

Alexandre sente-se mal quando perguntam de seu pai, pois é difícil falar de alguém que não se tem intimidade, de uma pessoa distante de nossas vidas e, além disso quando não se tem o que falar desta pessoa por não conhecê-la por inteiro, sempre fica algo que não foi dito e que mexe com os sentimentos que estão escondidos dentro de nosso ser, por isso, Alexandre sentia-se incomodado por saber que tinha um pai, mas a única coisa a falar era de sua existência. Segundo comenta Marie-José Chombart Lauwe: *A ausência de papel bem definido na família, ou o aspecto secundário, até mesmo insignificante deste papel mantido pelo pai, acaba por fazer com que o filho o julgue uma personagem um pouco indiferente.*[25]

Por não ter a presença do pai em sua vida, Alexandre cria uma amizade e um amor muito forte pelo seu irmão, o Augusto, este torna-se para ele a pessoa mais importante do mundo, falar dele é muito agradável, pois passavam momentos de alegria em que Augusto tentava distraí-lo das dificuldades que enfrentavam contando histórias. Deste modo, Alexandre apega-se muito a ele e ao lembrar dele, nota-se uma alegria e um sentimento gostoso. Observamos isto quando a amiga de Alexandre, a Vera pergunta sobre o Augusto: *-- E o Augusto?/ A cara de Alexandre se abriu, a ruga na testa sumiu:/-- Ah, o Augusto é legal. Eu gosto um bocado dele*[26]

Uma criança como Alexandre quando sente a falta de uma pessoa da família esta apega-se a uma outra pessoa para sentir segurança e receber tudo aquilo que faltou na ausência desta pessoa e, se algum dia acontece alguma coisa com a pessoa que se gosta, a tristeza aparece por sabermos que estamos sozinhos, sem nenhum amparo.

Uma outra pessoa que tem um papel fundamental na vida dos filhos é a mãe. A mãe de Alexandre é uma mulher sofrida, pois com a ausência de seu esposo pelo fato da bebida esta tem que sustentar sua família através de roupas que lava e passa para fora no sentido de garantir a sua sobrevivência e a de seus filhos e esposo, assim torna-se o porto seguro de sua casa, na mesma centralizam-se todos os problemas da casa, todas as preocupações. Esta personagem representa muitas outras mães que sofrem, mas que

---

[23] (Veiga, 1999;103)
[24] (Nunes, 1997 : 34)
[25] Lauwe, 1991 : 178)

lutam para garantir um pedaço de pão para seus filhos comerem e algumas roupas para vestirem, passando por muitas humilhações. Encontramos isto na fala de Alexandre sobre sua mãe através de perguntas de Vera: *-- E a tua mãe?/ - Tá sempre lavando e passando./ -- Por quê?/ -- Porque ela lava pra fora, ué* (NUNES, 1997, 35).

Várias pessoas em nosso país vivem em uma situação deplorável, pois muitas vezes não tem nem o que comer e diante da necessidade de alimento procuram desenvolver alguma atividade que lhes proporcione algo para sobreviver e deparam-se com muitas dificuldades por não estarem qualificadas para o trabalho, assim são desprezados e humilhados pelo sistema. Se a mãe de Alexandre fosse qualificada para o trabalho, tivesse estudo suficiente, ela teria conseguido um serviço fora de casa que a ajudasse mais financeiramente e com certeza ela e sua família não sofreriam tanto como sofrem.

Tudo recai sobre a mãe, os cuidados em manter o sustento da família para não deixar os filhos sentirem falta do que precisam e também não só neste sentido, mas o de procurar não distanciar-se dos filhos, tentando aproximá-los para si e assim direcioná-los pelos caminhos que devem trilhar, ensinando-os a defender-se contra o perigo da rua e das pessoas que procuram apenas fazer o mal. Deste modo a mesma tem que desenvolver duas tarefas, a de mãe e a de pai. A mãe de Alexandre tem uma responsabilidade muito grande com os seus familiares, pois é a ela que as preocupações da casa centralizam-se, a mesma tem que dar o carinho, o amor e a atenção a seus filhos e saber direcioná-los pelos caminhos mais seguros, orientando-os em sua vida para que não se percam neste mundo em que vivemos rodeados de violência e muitas injustiças. Também preocupar-se em no que fará para tirar seu marido do vício e recuperá-lo para voltar ao ambiente familiar e desempenhar o seu papel. Percebemos isto no momento em que a mãe de Alexandre direciona-o ao trabalho, por causa da preocupação com a situação financeira:

> *Já estava chegando outra vez o tempo de aula quando Augusto se apaixonou e quis casar. Mas pra casar precisava comprar tanta coisa, fogão, móvel, colchão, como é que o dinheiro ia dar? A mãe de Alexandre falou:*
> *- Quem sabe é melhor o Alexandre parar de estudar pra ficar trabalhando?*
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha,* 1997: 40)

---

[26] Nunes, 1997 : 35).

Conforme as atitudes da mãe, a mesma transmite uma imagem que pode ser relacionada a uma mãe carinhosa, amorosa e protetora como pode em certos casos revelar-se de forma diferente, sendo aquela que deseja distância dos filhos não oferecendo qualquer tipo de aproximação que transmita os vários sentimentos que são característicos da mãe. Os filhos reconhecem os traços de sua mãe, pois estão atentos ao que fazem, principalmente no ambiente familiar. A mãe de Alexandre mantém uma aproximação com os seus filhos e eles sentem tudo o que ela faz por eles. Deste modo a mesma passa a imagem de uma mãe atenta e carinhosa com seus filhos e assim transmite os sentimentos mais fraternos que existem em seu interior. Alexandre e seus irmãos e irmãs reconhecem o que sua mãe faz e tem ela como uma pessoa especial. Segundo Marie-José Chombart de Lauwe: *A mãe deixa a imagem de um perfume, do contato de seu corpo, por vezes também de uma música.*[27]

Durante a história percebemos que a mãe de Alexandre, em um momento de descuido, deixa Alexandre sair de casa em busca de seu sonho, o de encontrar a casa da madrinha, encarando isto como normal e não reflete sobre os perigos que Alexandre podia enfrentar na rua, esquecendo-se também de que ele é uma criança, e não igual a um adulto que sabe realmente o que faz e também sabe defender-se sozinho. Isto pode ser percebido quando Alexandre informa aos seus familiares que visitará sua madrinha sobre perguntas de Vera: -- *E o teu pessoal não se importou? / -- Não. Eu disse que ia visitar a minha madrinha; eles falaram 'até que enfim você dá bola pra ela'.*[28]

As mães muitas vezes desejam proteger seus filhos, mas protegem demais e neste proteger acabam cometendo algum erro e passa despercebido como aconteceu com a mãe de Alexandre, ela por ouvir seu filho falar que visitaria sua madrinha nem sequer se lembrou de que ele era uma criança, pensou somente na alegria que o menino sentiria em encontrar sua madrinha. A família é responsável em cuidar de seus membros, de protegê-los de todos os perigos, pois a violência, as drogas, todos os males estão ao nosso redor e é preciso que se cuide bem das pessoas para que não sejam atingidas por estes males. A mãe e o pai devem cuidar de seus filhos para que não os vejam envolvidos em um mundo diferente, cheio de problemas. Segundo afirma Ferreira: *Cabe à família a incumbência*

[27] (Lauwe, 1991:163)

*de resguardar seus membros, livrando-os das más influências, protegendo-os contra o mal, sempre presente.* (FERREIRA, *Literatura infanto/juvenil: Arte ou pedagogia moral?*, 1983: 69). Já na obra "O Sítio do Pica-pau Amarelo", de Monteiro Lobato, encontramos uma situação diferente, pois a personagem "Dona Benta" é uma pessoa que manda dentro de casa, que tem autoridade. A figura do pai não tem importância na história e a personagem que é a mãe de Pedrinho apenas fala-se sobre ela.

No século XVIII, a mulher foi direcionada para cuidar da casa e dos filhos, hoje apesar da classe feminina ter conquistado o seu espaço, ainda existem muitas que deixam de trabalhar para cuidar da casa e dos filhos, mas este comportamento é diferente do esperado por elas, sabemos que as mulheres estão tornando-se cada vez mais independentes, não aceitam viver apenas em função de seus maridos e filhos.

Percebemos que isto mudou, hoje existe uma liberdade, muitas mulheres não trabalham porque não querem, é uma opção feita por elas, não são forçadas a fazer o que os outros desejam e é também um direito desta classe. As mulheres que apresentam esta liberdade são ligadas geralmente àquelas as quais tiveram a oportunidade de qualificar-se, por exemplo citamos publicitárias, advogadas e professoras universitárias. No caso da mãe de Alexandre, ela não tinha nenhuma liberdade, não podia escolher entre trabalhar ou não, tinha um compromisso, o de sustentar sua família assim teria mesmo que trabalhar, era diferente dessas mulheres estudadas e não poderia deixar o seu serviço que era o de lavar e passar roupas de forma nenhuma. De acordo com isto, Tatiana Chiari diz que: *Hoje em dia, é inimaginável que uma mulher esclarecida se sujeite a receber ordens...* (CHIARI, *Veja*, 2000: 125)

O trabalho para algumas pessoas torna-se massacrante devido ao fato de passarem por preocupações e sentirem um compromisso em tudo o que praticam e também porque até chegar ao local de trabalho passam por várias situações que as deixam irritadas. Neste sentido as mulheres desejam sair destes locais e buscar um ambiente mais aconchegante e este ambiente é a sua própria casa. Mesmo que a mãe de Alexandre não trabalhe fora de casa, passando por momentos irritantes para ir e estar no ambiente de trabalho, ela passa por problemas até piores em sua casa, pela situação em que vive, além de não ter o suficiente para sobreviver ainda depara-se com um lugar

---

[28] (Nunes, 1997 : 17).

conflituoso, sua casa não é um lugar aconchegante. Para Maria da Conceição Uvaldo: (...) *as novas donas de casa não estão muito preocupadas em passar mensagens para as futuras gerações. Querem sobretudo uma qualidade de vida melhor hoje.*[29]

A família é muito importante para o desenvolvimento da criança, esta ajuda-a nos vários sentidos e é por isso que os membros que fazem parte da família nunca podem afastar-se da criança, mesmo que estes muitas vezes tenham que passar por muitas dificuldades.

[29] (Uvaldo apud Chiari, *Veja,* 2000: 125)

# CAPÍTULO III

## A CRIANÇA EM BUSCA DE SUA REALIZAÇÃO

Na obra "A Casa da Madrinha", de Lygia Bojunga Nunes o trabalho é um assunto abordado pela autora assim como na obra "Os colegas" e com este assunto a mesma deseja demonstrar a valorização desta atividade exercida pelos seres humanos no sentido do homem, para que este desperte, olhe para os acontecimentos com criticidade.

Alexandre é um menino que desde pequeno já tem que conviver com uma vida difícil tem que aprender a enfrentar a vida como um adulto, por causa de sua situação familiar tem que ajudar no sustento de sua família e vivenciar momentos que não seriam apropriados para a fase em que está passando, pois deixa de brincar e viver tudo o que uma criança tem direito de viver. Assim como Alexandre, muitas outras crianças trabalham em nosso país para poder ajudar na renda da família e também comprar o que precisam como roupa, calçado, materiais escolares e até comida. Percebemos isto quando o irmão de Alexandre, o Augusto, resolve casar-se e a situação da família piora, então há uma idéia de que Alexandre precisa parar de estudar:

> *Já estava chegando outra vez o tempo de aula quando Augusto se apaixonou e quis casar. Mas pra casar precisava comprar tanta coisa,*

> *fogão, móvel, colchão, como é que o dinheiro ia dar? A mãe de Alexandre falou:*
> *-- Quem sabe é melhor o Alexandre parar de estudar pra ficar trabalhando?*
> *Alexandre não disse nada, só olhou pro Augusto. E a noiva do Augusto falou:*
> *Pois é, o Augusto agora não vai poder ajudar, tem tanta coisa que a gente precisa comprar pra casar.*
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha*, 1997, 41)

Os familiares do menino Alexandre, em especial a sua mãe, são pessoas que não percebem aquilo que fazem, não conseguem olhar para as situações com outros olhos e pensam que Alexandre deve trabalhar, não observando que a escola proporcionaria um enriquecimento para a vida do menino e conviveria em um ambiente mais calmo, vivenciaria momentos agradáveis, poderia desfrutar de sua infância e futuramente conseguir uma vida melhor. Desta forma seus familiares e sua mãe conformam-se com as situações por viverem em um lugar diferente de muitas outras pessoas e não terem contato com outras formas de vida, pensam que o Alexandre parar de estudar é normal e que isso não o prejudicará.

Essa situação é vivenciada por muitas crianças e segundo pesquisas do IBGE as crianças que trabalham somam duas vezes mais do que os trabalhadores da construção civil que tem como operários 1,5 milhões de pessoas. Também somam quatro vezes o número de bancários e cinco o de metalúrgicos. No temos 7,5 milhões de crianças e adolescentes que trabalham e nosso país maltrata essas crianças, o sistema ainda permite a exploração de crianças. Apesar do avanço e da implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ainda muitas injustiças sã permitidas.

Existem várias formas de trabalho infantil, há crianças que trabalham em fábricas, em plantações outras nas ruas, essas crianças estão expostas a vários perigos.

Um exemplo disso, é a violência que se encontra nas ruas e a possibilidade de se machucarem em serviços, como em fábricas e plantações de cana, laranja, sisal entre outras. No caso de Alexandre o local de trabalho dele era a praia ou então a rua, ele enfrentava os perigos que existem nestes lugares como ser assaltado, de envolver-se com o mundo do crime, de talvez ser atingido por alguma bala perdida, ou ainda serem como crianças recrutadas pelos traficantes nos morros, que como se sabe acontece com freqüência, entre outros. Como percebemos em sua fala sobre o trabalho:

> *Comecei vendendo biscoito, eu era muito pequeno, tinha que carregar coisa leve. Cresci um pouco e passei pra amendoim. Já pensava mais pra carregar aquela lata com fogareiro, já viu; amendoim frio, ninguém compra. Cresci mais e passei pra sorvete. Aí só compravam se tava bem frio. E sabe como*
> *é que é, não é? Andando na areia, com aquele calor desgraçado, a gente tem que carregar um bocado de gelo na caixa pro sorvete ficar sempre gelado. Um peso que eu vou te contar.*
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha*, 1997:16-17)

As crianças são seres muito procurados para exercer algum tipo de atividade em empresas e outros locais pelo fato de que representam mão-de-obra barata e são seres inocentes que não percebem que são explorados, não sabem qual é o significado do trabalho e confundem brincadeira com trabalho, assim tornam-se o alvo de muitas pessoas bem sucedidas que necessitam de mão-de-obra para desenvolver-se. Alexandre é um menino que se submete a trabalhar e a ser guiado por pessoas adultas, seguindo tudo o que desejam que faça por não ter outra alternativa para garantir a sobrevivência própria e de sua família. Conforme Valeria França e Joaquim de Carvalho (...) *são*

*empregados esforçados e, em geral mais fáceis de disciplinar do que os adultos.*[30] Em outra obra de Lygia Bojunga Nunes, sendo esta obra "Os colegas" a personagem "Latinha" não aceita as coisas da forma que são e faz reivindicações ao dono do circo exigindo comida três vezes ao dia, lugar para morar no circo e seguro de vida defesa contra acidentes.

Quando os jesuítas chegaram ao brasil um de seus desejos era o de domesticar as crianças que viviam em nosso país, ensinar-lhes o que era certo e errado através dos ensinamentos de Cristo e com este objetivo conseguir resgatar as famílias indígenas, muitas crianças foram mortas. Como observamos em um comentário de João Clemente de Souza Neto, onde ele diz que as crianças indígenas para serem transformadas de pagãs para cristãs e por meio delas se conseguisse atingir toda a tribo era necessário que as mesmas concordassem com o que os jesuítas pregavam, pois se isto não acontecesse a situação transformaria-se em uma tentativa demoníaca.[31]

A situação das crianças no caso do trabalho que permite as crianças possuir o que desejam proporciona uma mudança no comportamento das mesmas, as meninas começam a competir com sua mãe no ambiente familiar e são estimuladas a sair de suas casa em busca de um novo ambiente antes da hora, elas sentem-se mais fortes. Já os meninos deixam de perceber o pai como um exemplo para sua vida e passam a enxergá-lo de outra forma, como uma pessoa normal assim como ele mesmo. Alexandre não enxerga seu pai como um exemplo para sua vida, pois seu pai não tem uma atividade que possa mostrar ao seu filho os valores de um humano, como a honestidade, a dignidade entre outros, por isso Alexandre não vê seu pai como uma pessoa especial e pelo motivo

---

[30] (FRANÇA E CARVALHO, *Veja*, 1995:73)
[31] (NETO, *Revista semestral do Centro Universitário FIED n.º 3*, 2000:23).

de trabalhar seja uma criança que considere o seu pai como um ser humano qualquer e ele mesmo se sente uma pessoa mais importante. Segundo Valéria França e Joaquim de Carvalho: *Como consumidora, a criança que trabalha tem ambições parecidas com as da que não trabalha. Gosta de tênis, de chocolate e de roupa. Como consegue adquiri-los com seu próprio esforço, também muda de comportamento em casa.*[32]

Uma criança que desde muito cedo já começa a viver em caminhos direcionados a adultos, diverte-se pouco, não vivenciando momentos de fantasia que é próprio da infância. Lembrando que as brincadeiras são muito importantes para o desenvolvimento das crianças por exemplo as meninas quando brincam com bonecas estão conhecendo e aprendendo a lidar com suas emoções e os meninos quando brincam com revólver de plástico estão testando e aprendendo a se controlar em relação a seus medos e agressividades. Como notamos Alexandre por trabalhar não tinha tempo para brincar, para aproveitar a fase em que estava vivendo, por isso ele não vivência os momentos bons e bonitos, momentos fantásticos que envolvem as crianças e seu desenvolvimento fica prejudicado. Segundo Valéria França e Joaquim Carvalho: *A criança trabalhadora brinca apenas quando pode se diverte pouco, fantasia menos e vive uma realidade que não é própria para a idade. Ninguém acredita que trabalhar, em si, faça bem à ela.*[33]

Um dos fatos que são impressionantes é em relação ao donos dos locais onde as crianças trabalham, os mesmos tem consciência de que exploram as crianças, sabem que elas contribuirão de uma forma ou de outra nos lucros da empresa, trazem vantagem pois são mão-de-obra barata e quanto mais sabem que estão explorando as crianças, mais percebem que isto beneficia-os mesmo sabendo que as crianças necessitam de um mundo

---

[32] (FRANÇA E CARVALHO, *Veja*, 1995:73)
[33] (FRANÇA e CARVALHO, *Veja*, 1995:73).

diferente dos adultos. O patrão de Alexandre explora-o por ser criança, mesmo que Alexandre precisava ajudar a sua família esta atitude não é certa, pois o menino teria que brincar, estudar, ou seja, viver a sua infância. Segundo diz Fernanda Uchoa de Albuquerque, procuradora do Ceará: *É engraçado. Eles se portam como se o emprego que dão representasse uma obra de caridade, e não uma necessidade da empresa.*[34]

Apesar das crianças terem várias instituições que as apoiam, ainda é grande o número delas nas ruas, muitas saem de casa na esperança de realizarem seus sonhos e pelas dificuldades no ambiente familiar, saem à procura de uma vida melhor.

Assim como o menino Alexandre, por se encontrar em uma situação difícil, não suporta mais o que vive e sai de sua casa em busca de uma vida melhor, de um lugar que ofereça a ele condições de vida suficiente financeiramente e também que neste lugar encontre a paz, o amor e tudo o que é necessário para viver mais feliz consigo mesmo e este lugar é a casa da madrinha. Alexandre apesar de criança, sabe o que não quer e sua reação é diferente de muitos adultos, nem sempre os adultos são capazes de fazer o que fez, deixar sua família e buscar pelos seus sonhos. Notamos isto quando Alexandre em conversas com Vera fala sobre sua saída de casa.

> *Pedi pra um colega levar o dinheiro pro patrão dizendo que eu mandava um abraço de despedida, a casa do augusto e então eu fiquei com ela pra servir de mala, passei lá em casa pra dar tchau pro pessoal, e com tudo despedido me mandei. Devia ser umas três e meia.*
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha,* 1997:17).

[34] (ALBUQUERQUE apud FRANÇA e CARVALHO, *Veja,* 1995:79)

Como Alexandre várias outras crianças saem de casa por não conseguirem viver no ambiente familiar, por este ambiente apresentar-se muitas vezes conflituoso pelo fato de alguns país serem drogados ou alcoólatras, por motivos financeiros ou outros fatores. Essas crianças acabam indo para as ruas, dormem em calçadas e bancos e muitas vezes acontece o pior com a maioria das crianças, elas começam a entrar para o mundo do crime, envolvendo-se em assaltos e acabam sendo trancadas na FEBEM. Segundo Jaime klintowitz, na verdade as crianças que dormem na rua somam um número maior do que as que cometem crimes considerados graves como por exemplo assalto a mão armada e com esta atitude acabam indo para a FEBEM.[35]Em outra obra "Corda Bamba", de Lygia Bojunga Nunes, a situação é diferente, nesta a personagem Maria faz uma viagem para dentro de si mesma, ela deseja saber o que acontece em seu interior e tentar resolver o que sente, os seus problemas. Em "O Sítio do Pica-Pau Amarelo", de Monteiro Lobato, as crianças que são representadas por Narizinho e Pedrinho apresentam-se como crianças curiosas, que têm uma vontade imensa de conhecer e aventurar-se nas coisas da vida.

Lygia Bojunga Nunes faz uma leitura crítica em relação ao contexto social, coloca que através da idéia de violência como manifestação de superioridade, num mundo competitivo é a opressão pelo medo como forma de impedir qualquer pensamento de liberdade individual. Monteiro Lobato, do qual ela é herdeira, tinha em suas obras, principalmente, na obra "O Sítio do Pica-Pau Amarelo, uma visão de um Brasil onde reina a paz, a sabedoria e a liberdade. Para isso recorre á fantasia do pó de pirlimpimpim ou do faz-de-conta. Todos eram livres no sítio e justamente por essa razão andavam num verdadeiro mar de felicidade.

---

[35] (KLINTOWITZ, *Veja*, 1999:118)

Os seres humanos sentem várias emoções durante a sua vida e são as situações do dia-a-dia que os levam a sentir essas emoções. Todo aquilo que se sente faz com que os mesmos tenham coragem de agir para buscar uma solução para o que se está passando. Todos os sentimentos que existiam em Alexandre, os seus medos, enfim os seus conflitos surgiram de várias coisas que aconteceram em sua vivência com a sociedade e tudo o que habitava em seu interior, fez com que ele tivesse a atitude de agir, saindo de sua casa para buscar uma solução para seus problemas interiores e exteriores. Segundo Daniel Goleman: *Cada emoção oferece uma disposição para agir, cada uma nos põe numa direção que deu certo no lidar com os recorrente desafios da vida humana.* [36]

Todas as coisas que estão ao nosso redor revelam significados e somos nós que conseguimos entender ess4es significados de acordo com as nossas necessidades, apenas precisamos estar atentos para perceber tudo o que nos rodeia. Alexandre conseguiu entender a sua vida através de tudo o que percebeu ao seu redor, principalmente em sua casa, e entendendo a sua situação e de sua família não permitiu mais passar pelo sofrimento que enfrentava. Segundo afirmam Cálvin Springer Hall e Gardner Lindzey: *Uma pessoa não confere significados às coisas; são as coisas que lhe revelam seus significados quando estiver aberta para recebê-los.* (HALL e LINDZEY, *Teorias da Personalidade,* 1984: 87*).*

Existem crianças que são sensíveis a tudo o que acontece com elas e com a família delas e, ao se deparar com a miséria , sentem-se humilhadas e tristes, por não poderem possuir o que as crianças da classe superior possuem, não se conformando

---

[36] (GOLEMAN, *Inteligência Emocional,* 1995: 18).

com a situação em que se encontram. Já existem outras crianças que passam pela mesma situação e não são muito sensíveis e se habituam com aquilo que têm. Como podemos ver Alexandre é uma criança que se sente mal em viver da forma que vive, não se conforma com tudo o que tem e sente. Conforme Peter L. Berger e Thomas Luckmann:

> (...) *uma criança da classe inferior não somente irá habituar um mundo grandemente diferente do que é próprio da criança de uma classe superior, mas pode chegar a ter um mundo inteiramente diferente daquele da criança de classe inferior que mora na casa ao lado.*
>
> (BERGER e LUCKMANN, *A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*, 1998: 176)

Com Alexandre o que acontece é diferente, ele apenas enfrenta muitas dificuldades após sair de casa, como por exemplo que ele teve que andar muito a pé, montado em um cavalo, não se torna um criminoso, sonha em encontrar a casa de sua madrinha. Os seres humanos, para que consigam alcançar o que desejam, muita, vezes passam por muitas dificuldades e o menino Alexandre nestes momentos, mostra coragem para conseguir realizar os seus sonhos, uma coragem que muitas outras pessoas não teriam. Isto torna-se claro quando Alexandre fala para Vera do que passou até chegar aonde se encontrava.

> "(...) *eu andei pra burro. Depois peguei carona num caminhão que ia levando uns cavalos pra fazenda. Tava lotado. Tive que viajar montado num cavalo preto. Foi legal. Só de noite que é que foi ruim; cavalo dorme bem em pé, mas gente dorme mal montada. Depois da fazenda o caminhão voltou e eu tive que andar de novo. Andei umas quatro horas assim, ó: parecia que nunca mais ia dar pé fechar as pernas. Mas acabou dando. Aí foi ficando tudo ruim.*"
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha*, 1997: 17))

Alexandre, além de todos os problemas que tem, demonstra ser um menino que não aceita aquilo que é imposto a ele, não aceita viver da forma que vive, mesmo que tenha que passar por muitas dificuldades, ele enfrenta-as para que seu sonho se realize, que consiga vencer os seus conflitos, pois estes atrapalham a sua caminhada pela vida.

Várias vezes passamos por momentos difíceis que nos deixam tristes e revoltados e são esses sentimentos que envolvem todo o nosso ser e nos fazem tomar decisões e agir, sem pensarmos nas conseqüências e nos perigos que poderão surgir diante de nossos caminhos. Com Alexandre o que ocorreu foi isso, não pensou muito em agir ao sair de casa e ir em busca de seus sonhos, nem sequer pensou nas dificuldades que poderia enfrentar na rua, em ter que andar sozinho sem o auxílio de uma pessoa e passar por tantas outras coisas, como forme e frio. Este menino apenas tinha um sonho que o levou a fazer o que fez, o sentimento foi mais forte do que todas as outras coisas. Conforme comenta Daniel Goleman, *quando modelamos nossas decisões e ações o sentimento revela-se mais que o pensamento ou o mesmo tem uma certa igualdade com o pensar*.[37]

Outra dificuldade que Alexandre enfrentou ao sair de casa, foi o fato de ser discriminado por estar caminhando em busca de seus sonhos, por ser um menino que não tem as condições de vida necessárias para sobreviver, por demonstrar ser um menino que não tem perspectiva de vida. Muitas pessoas passam por esta mesma situação, são desprezadas pelos governantes que não se importam em defender políticas que favoreçam os mais pobres ou por pessoas que pertencem a outras classes sociais representadas pelos pais de Vera que não olham para estas pessoas que estão esquecidas

[37] (Goleman, *Inteligência Emocional*, 1995: 18)

em nossa sociedade. Isto pode ser percebido quando Vera fala sobre como os seus pais interpretaram Alexandre:

> *-- Bom, o meu pai falou, quer dizer, os dois falaram que você é assim, como é mesmo que eles falaram? Ah, um menino diferente de mim.*
> *-- Diferente Como?*
> *-- É que, bom, eles falaram que você é um menino largado."*
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha*, 1997: 34))

Vivemos em uma sociedade capitalista, onde as pessoas não estão mais se preocupando com as outras, interessam-se por elas mesmas, não procuram amizade ou um contato com as outras pessoas, apenas vivem do trabalho e daquilo que possuem e assim podemos perceber que existe uma divisão de classes entre os membros de nossa sociedade, muitas pessoas tornam-se esquecidas e as crianças sentem tudo isto, pois elas ocupam um papel nesta sociedade que é a de mão-de-obra futura que se apresenta improdutiva e o menino Alexandre sentiu tudo o que vivenciou por ser uma criança que não tem perspectiva de vida. Segundo Marie-José Chombart de Lauwe: *A criança simboliza a vida, a humanidade em sua fonte, sendo desta forma, dotada de uma natureza e papéis específicos.*[38]

Alexandre é um menino que se mostra esperto, mesmo com tantos problemas ele consegue sobreviver quando sai de casa através de sua criatividade, de coisas que inventa, em nenhum momento se deixa enganar pelos outros e sim procura uma maneira de ultrapassar os problemas que enfrenta, seria uma forma de conseguir alcançar os seus

[38] (Lauwe, *Um outro mundo: a infância,* 1991: 46)

objetivos lutando com suas forças. Isto torna-se claro quando Alexandre fala como faz as atrações com o Pavão:

> *-- Ah, essa a gente tira de letra. Ele fica de olho fechado pra fingir que tá pensando com força, mas o tempo todo ele tá me olhando. E eu firme. Sem piscar. Quando ele chega junto da pessoa que puxou, eu pisco é o sinal combinado.*
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha*, 1997: 32))

Com isso Alexandre demonstra que é uma criança que busca realmente pelos seus sonhos, que não se acomoda com a sua situação, que tenta de todas as formas chegar onde deseja e ser feliz. É essa que deve ser a nossa atitude frente á sociedade em que vivemos, pois se não agirmos assim, seremos dominados pelo sistema e será mais difícil ainda de conseguirmos sobreviver, as pessoas estão a todo momento tentanto fazer o que desejam com o ser humano. Sobre isto comenta Marie-José Chombart de Lauwe: *A criança simboliza a aspiração a este 'outro mundo', a valores diferentes dos que sonha o adulto, um mundo além de seu universo.*[39] A mesma característica é apresentada em outra obra de Lygia Bojunga Nunes, "Angélica", na qual a personagem tem consciência de seus direitos, sabe o que é certo e errado e tem opiniões baseadas na reflexão e no estudo.

Enquanto para Monteiro Lobato, a criança é um ser que pode modificar o mundo, por isso o mesmo transmite suas idéias para que elas conheçam os problemas do Brasil e consigam se enxergar como uma pessoa que pode transformar a sociedade em que

---

[39] (LAUWE, *Um outro mundo: a infância*, 1991: 39)

vivemos, para Lygia Bojunga Nunes é diferente, pois para a mesma as crianças apenas precisam compreender o mundo em que vivemos, conhecer os comportamentos sociais e refletir sobre tudo isto.

Outro ponto interessante é que Alexandre também demonstra ser uma criança ousada, que não tem vergonha de agir muitas vezes até de forma errada, não percebendo o que faz ou pode ser que ele faça as coisas para se aparecer, para mostrar que ele é uma pessoa que participa da sociedade e tem todo o direito de fazer o que deseja. Verificamos isto quando Alexandre vai conhecer o lugar aonde vera mora sem a sua autorização:

> *-- Eu ia buscar você agora.*
> *Alexandre pulou fora d' água:*
> *-- A gente acordou cedo e eu achei melhor vir logo pra já ir conhecendo o sítio.*
> *Que curtição que é isso aqui, hem?*
> *Já conheci o teu pai também.*
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha*, 1997: 31)

Este modo de agir de Alexandre mostra que o mesmo tem uma liberdade para fazer o que deseja, uma liberdade que muitas pessoas sonham em ter, mas poucas conseguem adquiri-las. As pessoas de nossa atualidade estão ficando mais fechadas em si mesmas não conseguem libertar-se para vivenciar momentos agradáveis e que possam enriquecer as suas vidas, não tem a mesma disposição de Alexandre. Como comenta Marie-José de Chombart de Lauwe, muitas personagens criam um estado de liberdade, pois têm vontade de serem uma pessoa diferente onde possam afastar-se das imposições da sociedade, às vezes acontece isto sem estarem em um estado real de liberdade.[40]

Alexandre revela-se um menino curioso, que deseja não só conhecer, mas conhecer também o mundo que o rodeia, que não contenta em olhar apenas para o que está a sua frente, sempre deseja mais do que consegue alcançar. Se todas as pessoas fossem como ele, com certeza estas pessoas seriam diferentes, teriam muitas capacidades e seriam mais enriquecidas pelo fato de buscarem pelo saber. Como lembra Marie-José Chombart de Lauwe: *A criança é o homem autêntico, a humanidade em sua origem é percebida como mais bela e mais verdadeira do que a sociedade atual, tal como é vista pelos adultos.*[41]

O menino Alexandre sonhava em encontrar a casa de sua madrinha, pois o ambiente desta era diferente do de sua casa como falava seu irmão Augusto, neste lugar existia tudo o que era ideal e não tinha em sua casa, coisas como: comida, roupa, calçado, além de amor e de harmonia. Como Alexandre, muitas outras crianças sonham em encontrar um lugar onde sua vida possa modificar-se, onde os problemas possam ser resolvidos com equilíbrio, isso se em sua casa o ambiente for tumultuado pela falta de amor e união, sem as mínimas condições de vida. Alexandre conversando com augusto fala sobre o desejo de ganhar de seus medos com a chave da casa da madrinha:

> *- Mas então (...) Escuta, sempre eu tô com medo do escuro, de ficar sozinho, de trabalhar, de uma porção de coisas, você diz que o medo tá ganhando de mim, não diz?*
> *- Digo.*

---

[40] (LAUWE, *Um outro mundo: a infância,* 1991: 33).
[41] (LAUWE, *Um outro mundo: a infância,* 1991: 44).

> *E quando um dia eu te perguntei quando é que eu ia ganhar dele você disse que era quando eu tivesse a chave da casa no bolso. Agora você tá dizendo que a chave é minha, então tá na hora de eu começar a ganhar do medo, não tá, não?* (...)
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha*, 1997: 43)

A partir de algum fato real é que a criança normalmente começa a fantasiar. Esses fatos reais são os responsáveis pelas sensações que as crianças sentem como ansiedade, mas também pode levá-la a sentir as necessidades de possuir o que falta em sua vida, isso lhe provocará por tudo o que imaginará. Alexandre começou a sonhar em encontrar a casa de sua madrinha a partir do momento em que percebeu tudo o que se passava em sua casa e com ele mesmo e isso mexia com seus sentimentos e foi através disso que o menino Alexandre sentiu a necessidade de ter uma vida melhor, de encontrar a casa de sua madrinha e resolver todos os seus problemas, esta casa da madrinha era uma salvação para a vida que levava. De acordo com Bruno Bettelheim: *A criança normal começa a fantasiar a partir de algum segmento de realidade mais ou menos corretamente observado que lhe pode provocar ansiedades tais que ela seja carregada de roldão por elas* (BETTTELHEIM, *Psicanálise dos Contos de Fadas*, 1980: 77). Já na obra "A Bolsa Amarela", de Lygia Bojunga Nunes, o personagem animal o galo "Afonso" deseja um galinheiro onde todos expressem suas idéias para que as coisas sejam resolvidas.

Quando sonhamos ficamos a todo momento procurando realizar nossos desejos, passamos por dificuldades, mas nunca desistimos do que queremos, que em nossa vida algo possa se concretizar, sempre esperamos alcançar aquilo que sonhamos encontrar. Sonhando conseguimos realizar nossos sonhos com mais facilidade. Alexandre, por ter

os sonhos caminhando junto aos seus desejos, consegue fazer com que ele enfrente o mundo e não desista de encontrar a casa de sua madrinha. Segundo Eliana Schueler Reis: *O sonho é uma tentativa de realização de desejo.* [42]

Os sonhos permitem com que os sentimentos ruins que existem em nosso interior voltem nestes momentos com o intuito de se resolver tudo o que incomoda nosso ser. Nos sonhos de Alexandre percebemos que estão presentes todos os seus problemas de sua família e de todos os seus sentimentos, pois deseja resolver tudo o que sente e vive realmente. Conforme Ferenczi, nos sonhos todos os sentimentos que nos incomodam, aquilo que nos atrapalha como os traumas aparecem e este sonho terá como função, não só a realização de desejos como também uma resolução para o que sentimos (FERENCZE apud REIS, *Revista Brasileira de Psicanálise*, 1997: 176).

Em relação aos sonhos das crianças, eles são simples, nestes sonhos os desejos que envolvem a vida das crianças são realizados e outros sentimentos como as ansiedades são apresentados de forma sensível. Não existe nos sonhos das crianças acontecimentos que sejam de caráter mais elevado, todos os acontecimentos que aparecem em seus sonhos estão de acordo com a fase infantil. Na obra "A Casa da Madrinha", percebemos que os sonhos de Alexandre são simples, o que ele deseja é apenas uma vida melhor, o sonho dele seria o de encontrar um lugar onde existisse tudo o que não existia em sua casa, assim como toda criança que não tivesse o que tem também gostaria de conseguir. Seguundo Bruno Bettelheim:

> *Os sonhos das crianças são muito simples: desejos são realizados e as ansiedades recebem uma forma tangível. Por exemplo, no sonho de uma criança, um animal a derrota, ou devora alguma pessoa. O sonho de uma criança contém*

[42] REIS, *Revista Brasileira de Psicanálise*, 1997: 178

> *um conteúdo inconsciente que permanece praticamente não moldado pelo seu ego; as funções mentais mais elevadas mal entram na produção de seu sonho.*
>
> (BETTELHEIM, *Psicanálise dos Contos de Fadas,* 1980: 70)

Se uma pessoa é impedida de sonhar, esta pessoa vai sentir dificuldades em relacionar-se com a realidade e irá tornar-se uma pessoa perturbada por não poder utilizar-se do sonho para ajudá-la em seus problemas do dia-a-dia. Se Alexandre não tivesse o sonho em sua vida certamente ele não teria conseguido enfrentar tudo o que passou a sua frente e não conseguiria agir como agiu, este sonho ajudou-o a relacionar-se com a realidade de forma diferente, enxergá-la de outra forma, como se ela pudesse ser superada. Segundo comenta Bruno Bettelheim, uma pessoa que é impedida de sonhar sente dificuldade em lidar com a realidade e passa a ser uma pessoa perturbada por não conseguir elaborar em seus sonhos os problemas que a bloqueiam.[43]

Em nossa caminhada muitas vezes agimos de uma certa forma para atingirmos aquilo que desejamos, mesmo que tenhamos que passar por dificuldades, mas assim seremos pessoas mais felizes quando o que sonhamos se concretizar. Se ficarmos sempre acomodados esperando para que as coisas caiam em nossas mãos nunca concretizaremos os nossos desejos, pois nada se consegue com facilidade, tudo tem o seu preço. E a criança assim como os adultos também tem seus comportamentos quando sentem algo e querem realizar.

# FANTASIA E IMAGINAÇÃO NO UNIVERSO INFANTIL

A fantasia é um elemento que está presente na vida das crianças e autores como Monteiro Lobato e Lygia Bojunga Nunes, que utilizam dessa estratégia tratando-a como tema principal e valorizando muito o universo infantil. Através do uso do fantástico como forma de resolução dos conflitos que os personagens apresentam e que em muitos casos ajuda as crianças a resolverem seus próprios conflitos.

Monteiro Lobato em suas obras que estão na fonte da inovação e /ou reinvenção do gênero ou da tradição de escrita, livros destinados às crianças, utilizou os mesmos personagens de sua obra principal "O Sítio do Pica-pau Amarelo", os animais como Rabicó (Leitão); Conselheiro (Burro-Falante); Quindim (Rinoceronte) e outros estão presentes nas demais obras. Porém Lygia cria bichos originais em suas diferentes obras e que variam de comportamento e espécies, como: cachorros, cegonha, porco, elefante, gato, tatu, sapo entre outros.

O sonho e a imaginação são sinônimos de esperança que alimenta a história de Lygia Bojunga Nunes, uma escritora herdeira de Lobato, que conseguiu atingir um alto grau de desenvolvimento do discurso literário ao público infantil. O irmão de Alexandre alimentava essa esperança contando-lhe histórias para enganar a fome. Podemos

---

[43] (BETTELHEIM, *Psicanálise dos Contos de Fadas,* 1980: 79)

perceber claramente a presença desses elementos em "A Casa da Madrinha", de Lygia Bojunga Nunes, pois o Augusto que era o irmão mais velho de Alexandre teve uma importância muito grande para este menino, foi ele quem proporcionou momentos agradáveis no ambiente familiar, com suas histórias, Alexandre distanciava-se do mundo em que vivia e imaginava um outro mundo, onde não existisse mais a fome, a violência e pessoas que só pensam em fazer mal aos outros, onde todos os problemas fossem resolvidos. Percebemos isto nesse trecho da obra: *Se tinha coisa que Augusto gostava era de inventar histórias; Alexandre adorava escutar; às vezes ficavam inventando e ouvindo até o galo cantar.*[44]

As crianças encantam-se com as histórias que outras pessoas contam para elas, estas histórias fazem-nas viajarem por outros lugares distantes, é como se estivessem vivendo experiências novas e elas sentem todos os tipos de sentimentos quando percebem os acontecimentos que existem nas narrativas, pois as histórias mexem com a criança. Para Freud, a criança tem as mesmas atitudes de um escritor criativo em suas brincadeiras, a mesma cria um mundo de fantasias que para ela seria real, possível, mas ela separa esta fantasia da realidade se prendendo mais à emoção. Mas é assim que a criança aprende a lidar com a complexidade da vida.[45]

Já na obra de Lobato "O Sítio do Pica-pau Amarelo" é a personagem Dona Benta que, além de transmitir informações para as crianças, também conta histórias todas as noites na hora de dormir, assim esta personagem alimenta a fantasia e os sonhos das crianças, uma das características do sítio. Assim é por estas histórias inventadas por Augusto que Alexandre percebe que existe sim a oportunidade de conseguir uma vida

---

[44] (NUNES, *A Casa da Madrinha*, 1997 : 36).

melhor dá a ele a certeza de que o mundo não se reduz a apenas aquilo que o cerca, desperta-o para ele olhar para o que estava passando com outro sentido e sonhasse em encontrar um caminho diferente.

Um outro fato que despertou Alexandre para que ele tivesse um conhecimento de como era a vida em sociedade e o fez reconhecer de que ele era capaz de fazer alguma coisa para modificar a sua realidade foi o elemento fantástico presente na escola em que ele freqüentou por um tempo e este elemento fantástico foi possível através da maleta de sua professora que continha pacotes coloridos e cada um tinha um significado. Observamos isto quando Alexandre fala sobre esses pacotes que existem na mala de sua professora:

> *Pacote verde era dia de aprender pregar botão, botar fecho, fazer bainha na calça e na saia. Se o verde era bem forte, era dia de aprender a cortar unha e cabelo. Verde bem clarinho, era dia de consertar sapato. E tinha um verde, que não era forte nem claro, era um verde amarelado, que as crianças adoravam: era dia de a professora abrir pacote de história. Cada história ótima.*
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha*, 1997: 38)

Às vezes precisamos de algo que mexa com os nossos sentimentos para que possamos enxergar o que nos rodeia, para tudo tornar-se claro à nossa frente. Desta forma a escola pode ajudar a criança a perceber várias coisas, isto é, se esta usar de criatividade. Ou então a criança pode perceber várias coisas através de brincadeiras que fazem parte de seu universo. Como vimos o elemento fantástico ajudou Alexandre a não

---

[45] FREUD apud BRITTON. *Revista Brasileira de Psicanálise.* n. 4, 1997 : 865

olhar o mundo da forma que olhava, como um mundo que não tinha solução. Segundo afirma João Francisco Duarte Júnior:

> (...) *Com a palavra encontro e crio significações para aquilo que vivi ontem, anteontem, ou para aquilo que outros homens viveram três séculos atrás. Com a palavra posso, ainda, planejar o meu futuro, com ela sei que existe um tempo que virá, um tempo que ainda não é.*
>
> (JÚNIOR, *O que é realidade*, 2000: 19)

Como podemos perceber na obra "A Casa da madrinha", que a professora de Alexandre possui uma maleta com pacotes coloridos, que despertam a imaginação e a criatividade das crianças. Já em outra obra de Lygia Bojunga Nunes "O Sofá Estampado", quem tem a maleta é a avó de Vítor, ela, por ter sido uma arqueóloga carrega várias recordações dentro da mala, Vítor é fascinado por esta mala e aprende muito com as histórias que a avó conta-lhe sobre suas viagens.

A criança normalmente é um ser inocente, e ela necessita de estímulos. algo que a faça compreender tudo que existe em nossa sociedade, e até mesmo o que acontece consigo mesma, para quando se tornar adulta, conseguir vencer tantas as dificuldades no ambiente de trabalho, como as de relacionamento com as outras pessoas. Alexandre sente que é uma pessoa diferente pelo fato de que desde pequeno ao invés de brincar e estudar, é obrigado a trabalhar para ajudar no sustento da família, e isto fará dele um adulto que não aceitará nada forma que aparecer em sua frente, mas sim, imaginará uma maneira de conseguir mudar o que ele achar que não será bom para ele. Segundo Mary Warnoc: *Parece-me plausível e consistente denominar 'imaginação' aquilo que nos permite ir*

*além do simplesmente sensório para dentro do território intelectual ou impregnado de pensamento da percepção.* [46]

Em sua caminhada rumo à casa de sua madrinha, Alexandre deixa para trás a sua família, a sua casa, que por menor fosse o conforto, tinha um teto para se abrigar e um pouco de carinho, mas ganha com isso, experiência, malandragem, coragem de enfrentar tudo e todos. Ele leva em sua caixa de sorvete que serviu de mala coisas que utiliza em sua realidade como também um livro de história. Neste sentido, notamos que realidade e fantasia caminham juntas, Alexandre tem o elemento fantástico que transmite-lhe a força que precisa para lutar e conseguir modificar a sua realidade. Podemos verificar isto quando Alexandre sacode a sua caixa de sorvete: *Alexandre resolveu fazer mais barulho: sacudiu a caixa de sorvete (só que em vez de gelo e sorvete, a caixa tinha colher, garfo e faca, e tinha também um toco de lápis, um livro de história, uma caneca e uma panela).*[47]

Com o auxílio do elemento fantástico, que é o livro de história, Alexandre tem sempre alguma coisa ao seu lado que não o deixa desanimar, que faz com que ele sinta muito mais vontade de descobrir as maravilhas que existem neste mundo e que podem ajudá-lo a superar o que sente, que falta em sua vida. Este elemento desperta-o para que busque uma vida melhor, alimentando ainda mais os seus sonhos. Sobre isto comenta Jacqueline Held, uma criança que é fechada em si não acredita que criar fantasmagorias seja uma anormalidade, pois o adultos também criam situações estranhas.[48]

Enquanto seres humanos, não conseguimos viver apenas imbuídos da realidade, mas precisamos do fantástico, pois é ele que nos ajuda a ultrapassar pelos problemas com

---

[46] MARY WARNOCK, apud RONALD BRITTON, *Revista Brasileira de Psicanálise.* n. 4, 1997: 876
[47] (NUNES, *A Casa da Madrinha* 1997: 9).
[48] (HELD, *O Imaginário no Poder – as crianças e a literatura fantástica.* 1977: 97)

mais facilidade e se vivêssemos só da realidade nossa caminhada seria difícil, é nesta realidade que nos deparamos com muitas situações desagradáveis como a violência, a fome, entre outras e essas nos abalam, por isso que se não tivéssemos a fantasia ao nosso lado, seríamos seres completamente tumultuados. Desta forma, se Alexandre não tivesse o auxílio da fantasia, não mostraria ser a pessoa que é, pois a recorrência ao sonho e à fantasia ajudam Alexandre a suportar os problemas que tem. Segundo Klein: *O simbolismo não só vem a ser o alicerce de toda a fantasia e sublimação, mas, mais do que isto, é a base da relação do indivíduo com o mundo externo e com a realidade em geral.*[49]

Um outro elemento fantástico presente na obra e que chama a nossa atenção é relativa ao Pavão, que muitas vezes intervém por Alexandre ajudando-o na caminhada. Em busca de seus sonhos transforma-se em seu amigo e auxilia para que ele não sinta fome na estrada. A forma encontrada pelo Pavão para ajudá-lo era fazer espetáculos, conversar com o povo cativando-os para que dessem alguma coisa que podia contribuir para o sustento de Alexandre. Percebemos isto quando o pavão fala um verso:

> *O pavão arregalou o olho, anunciou:*
> *-- O verso da despedida. - E recitou assim:*
> *As palmas que ganhei com a representação*
> *Enchem de alegria meu coração*
> *Mas se o distinto público quer mostrar*
> *sua apreciação*
> *Jogue mais um dinheirinho no chão*
> *(Suspirou tremidinho)*
> *É o que se pede o seu fiel amigo pavão.*
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha*, 1997: 13)

[49] KLEIN, apud RONALD BRITTON, *Revista Brasileira de Psicanálise*. n. 4, 1997: 867

O Pavão é um exemplo para muitas pessoas pelo fato de ser um amigo fiel, ajudando Alexandre a ganhar o pão de cada dia, mostrando que nunca devemos nos calar diante das coisas que acontecem em nosso dia-a-dia, devemos expor nossas idéias, sem medo do que outros podem pensar, sermos pessoas que não tenhamos vergonha do que somos. Foi por este motivo que Alexandre nunca pensou em desistir e voltar para sua casa, continuando a viver da forma que vivia, é mais um apoio para a vida de Alexandre. Segundo Lauwe, os animais têm um significado, estes significam a vida com suas formas, leis e mistérios tanto com a criança como para a criança.[50]

É assim que podemos ver na personagem Emília, de Monteiro Lobato, que fala o que deseja, critica e denuncia o que acontece em nosso país e faz sátira aos sábios e poderosos. Ela é apenas uma boneca, mas tem características humanas, é um ser livre e para ela não existem obrigações. O Pavão é apenas um animal, mas demonstra tudo o que uma sociedade precisa para desenvolver-se, olhando para as coisas ao redor com criticidade, não aceitando tudo que venha ao seu encontro, procurando sempre pelo bem de todos os seus membros. Hoje em dia, é muito difícil encontrar uma pessoa igual ao Pavão, precisamos modificar esta realidade. Alexandre olhou ao seu redor e percebeu o que estava à sua volta, por isso agiu da forma que achou melhor. Segundo afirma Jacqueline Held: *O fantástico pode, pois, com a história realista, ser crítico e nada mistificante* (HELD, *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica,* 1977).

Os bichos presentes nas obras de Lygia Bojunga Nunes ou mesmo em Monteiro Lobato trazem a marca do cotidiano e representam questões e atitudes do dia-a-dia, a

[50] LAUWE, Marie-José Chombart de. *Um outro mundo: a infância.* 1991: 291)

política, a batalha para conseguir o pão nosso de cada dia e as injustiças sociais, remetendo ao real, tem função exemplar e aguça a percepção crítica.

Percebemos também que o Pavão significa muito para Alexandre, ele se sente seguro ao seu lado, pois o menino sente-se mais forte e cuida do Pavão, não quer que nada de mal aconteça com ele. O Pavão é uma segurança para que nada falte em sua caminhada , principalmente a comida. Observamos isto quando Alexandre fala para a sua amiga Vera sobre o significado do Pavão para ele:

> *Alexandre sentou no chão com um suspiro:*
> *-- Agora o pavão vai dormir até não poder mais. E eu vou ter que ficar tomando conta dele.*
> *-- Por quê?*
> *-- Ué, se roubam meu pavão tô desgraçado: não tem mais show, não ganho mais, como é que eu vou comer?*
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha.* 1997, 17)

Existem caminhadas na vida que, ao fazermos juntos, encurtam-se, pois sempre que estamos acompanhados por alguém nos sentimos bem, ainda mais se esta pessoa procura fazer de tudo por nós e se acontece de algum dia esta pessoa distanciar-se de nós, nos sentimos vazios, a nossa vida fica sem sentido. Alexandre se sente bem ao lado do pavão, por isso não quer perdê-lo, pois se o perder torna-se difícil continuar sonhando. Segundo Klein: *Os sentimentos e fantasias infantis deixam suas marcas na mente, marcas que não se enfraquecem, mas que permanecem armazenadas, permanecem ativas, e exercem uma influência constante e poderosa na vida emocional e intelectual do indivíduo.*[51]

[51] KLEIN apud BRITTON, *Revista Brasileira de Psicanálise.* n. 4, 1997:867

Em outra obra "Sete cartas e dois sonhos" a autora Lygia Bojunga Nunes retrata a amizade de uma pessoa adulta com uma criança, entre o pintor e Cláudia. Este menino gostava muito de seu amigo pintor, eles conversavam cada dia que passava, o menino gostava mais de seu amigo. Em Monteiro Lobato, há também um animal chamado "Rabicó", que acompanha os meninos da obra "O Sítio do Pica Pau Amarelo" nas várias aventuras como em viagens ao País das Abelhas e ao Reino das Águas Claras, mas também é um personagem importante nas "Caçadas de Pedrinho".

O Pavão tornou-se para Alexandre como um membro de sua família, ele é uma animal, porém com um sentido especial em sua vida, ele representa para Alexandre o pai que ele não teve ao seu lado, o pai que não deu-lhe a atenção necessária e que agora tinha encontrado uma pessoa que poderia substituí-lo, dando-lhe o amor e tudo que precisava para o seu desenvolvimento. Para Kipling, quando as crianças não têm os seus pais por perto, as mesmas se apegam a um animal de pelúcia ou a um animal doméstico e esses seres consolam essa criança, pois os pais além de trabalhar muitas vezes são severos, injustos, incompreensivos, ou simplesmente indiferentes.[52]

Um ponto interessante em relação ao Pavão é o fato de o corpo dele ser revestido de várias cores, e as penas serem parecidas com seda. Sabemos que cada cor tem um significado e são estas cores que transmitem para Alexandre os sentimentos que para ele faltam, como por exemplo o amor, e traz para a sua vida esperança de que dias melhores virão e a seda das penas revelam todo o conforto que Alexandre precisa para se sentir um pouco mais amparado, devido aos seus conflitos. Confirmamos isto em: *Quando Alexandre viu que o susto ia passando, começou a mostrar tudo quanto é cor que o*

---

[52] KIPLING apud HELD. *O Imaginário no poder – as crianças e a literatura fantástica.* 1977: 107

*pavão tinha. Alisava as penas devagar, dizendo que elas eram que nem sedas.*[53] Percebemos que o pavão não é um simples animal, ele tem sim um significado muito grande para a vida de Alexandre e ele pode fazer muito pelo Alexandre, algo foi sentido por ele e com certeza houve alguma transformação.

Nossa sociedade é cheia de superstições, cada pessoa acredita que uma certa cor vai modificar algo em sua vida, por exemplo uns acreditam que se usarem a cor amarela em épocas de final de ano não faltará dinheiro durante o ano, outros pensam que se usarem a cor branca, a paz reinará em todos os lugares. Sobre isto Klein comenta: *Não só o simbolismo vem a ser o alicerce de toda fantasia e sublimação, mas, mais do que isso, é a base da relação do indivíduo com o mundo externo com a realidade em geral.*[54]

Para Alexandre houve sim uma modificação em sua vida a partir do momento em que se tornou amigo do pavão e o que ocorreu foi o fato de Alexandre não sentir mais medo das pessoas que para ele eram estranhas. Podemos observar isto com a amizade que Alexandre fez com uma menina chamada Vera e nesta amizade Alexandre começou a perceber as pessoas de forma diferente, começou a olhar como as pessoas eram, a beleza que existia em muitas pessoas percebida em Vera. Isto se torna claro quando Alexandre vê em Vera que ela estava bonita:

> *Vera sentou junto de Alexandre, botou o pé dentro d'água.*
> *-- Tá calor, não é? -- Ficou vendo o rio passar, abraçada com um embrulho que tinha trazido.*
> *-- Alexandre olhou pra ela:*
> *-- Você hoje tá diferente.*
> *-- É que eu amarrei o cabelo assim.*
> *-- Ficou bonito. Mas você tá com cara de quem comeu e não gostou.*
>
> (NUNES, *A Casa da madrinha.* 1997: 31)

---

[53] (NUNES, *A Casa da Madrinha.* 1997: 10)
[54] KLEIN apud BRITTON. *Revista Brasileira de Psicanálise.* n. 4. 1997: 868

Através do elemento fantástico, Alexandre consegue libertar-se de um de seus medos que é o medo das pessoas, o Pavão desperta neste menino os sentimentos mais ricos que deveriam existir em todas as pessoas, sendo este o amor.

Toda criança identifica-se com um animal e a presença deste animal em sua vida é muito importante, pois ela tem um carinho e um amor por este ser que não é racional, mas demonstra um companheirismo pelas pessoas e isto atrai a criança. E em contato com este ser vai se redescobrindo, sente realmente que ela é e que estava escondido dentro de si. A relação que uma criança estabelece com um animal, muitas vezes serve para este desempenhar um papel de ajuda-la a revelar sentimentos.[55]

Isto aconteceu com Alexandre, ele percebeu que não era uma pessoa insignificante, que ele também era uma pessoa importante para a sociedade, tinha um valor e ele podia mostrar para todos de que maneira devemos tratar os outros para vivermos melhor, para que a harmonia possa florescer em todos os lugares, nas famílias, nos locais de trabalho e entre outros. É importante entender que o fantástico é a arte de transcender a angústia, a alucinação e a idéia fixa. É uma forma de libertar.

Desse modo, podemos encontrar um outro ponto importante sobre a imaginação que na obra A casa da Madrinha podemos perceber que o personagem a cria imaginariamente o Cavalo "Ah", que lhe permitiu momentos bons e ruins para Alexandre. Com a ajuda do cavalo "Ah", Alexandre conseguiu distanciar-se um pouco de seu cotidiano, das dificuldades que enfrentava em busca de seus sonhos, vivenciou momentos que jamais poderia imaginar que poderia presenciar. Notamos isto quando Alexandre e Vera chamam pelo "Ah" e ele aparece: *Chamaram juntos. Com toda a força. /A a a a a a a a a a a a a h! / E o cavalo apareceu. Amarelo até não poder mais.*

*E o rabo cor de laranja arrrastando no chão.*[56] A fantasia nos faz viver em um outro mundo, um mundo colorido, com ela nos sentimos mais bem, vivemos o nosso cotidiano de outra forma. A fantasia é uma forma de não enlouquecermos ao enfrentar as dificuldades da vida.

Com este elemento fantástico e vários outros Alexandre pode viver cada momento após ter saído de casa com mais entusiasmo, com ânimo de viver. Para Alvarez, a imaginação é um grande terreno curativo e uma grande área de desenvolvimento potencial, sem desprender-se da realidade.[57] No decorrer da história percebemos que foram acontecendo modificações na vida de Alexandre e, continuando podemos verificar também que este menino conseguiu encarar o medo que tinha do escuro através do elemento fantástico retratado por brincadeiras feitas por Alexandre e Vera, onde estes fizeram desenhos no medo quando entraram em um escuro por passarem uma cerca proibida com o auxílio do cavalo "Ah", inventado por Alexandre. Notamos isso quando Alexandre e Vera desenham cara e orelha no escuro:

> *Alexandre achou melhor não dizer mais nada, mas começou a desenhar uma cara esquisita, toda inchada de um lado:*
> *- O medo tá com dor de dente. - E ria baixinho.*
> *O Pavão gostou tanto de ouvir Alexandre rindo, que riu também.*
> *Vera entrou na brincadeira: desenhou no medo uma orelha inchada e disse que ela estava com dor de ouvido também. Alexandre desenhou do outro lado uma orelha desse tamaninho:*
> *- Desse lado ele é surdo.*
>
> (NUNES, *A Casa da madrinha.* 1997 : 81)

---

[55] LAUWE, Marie-José Chombart de. *Um outro mundo: a infância.* 1997, pág. 287
[56] (NUNES, *A Casa da Madrinha.* 1997: 76 – 77).

Foi através das brincadeiras que Alexandre conseguiu transmitir tudo o que sentia do escuro e encarou seus medos, mostrando que ele era capaz de superar o que sentia, que ele não permitiria que os medos ganhassem dele, tinha forças para ultrapassar tudo que incomodava o seu interior, esses medos eram coisas pequenas em relação à sua capacidade, ele era mais forte. É brincando que a criança descarrega todos os seus sentimentos principalmente a revolta que sente de alguma atitude vinda de seus pais e não agradam aos seus filhos, por isso consegue se sentir aliviada por nestas brincadeiras transmitir tudo o que não pode falar ou pensar em relação aos seus pais e a muitas outras coisas.

Nas histórias de "As mil e uma noites", Scheherazade é um exemplo disto, pois ela conta histórias à noite para que seu marido, o rei, se esquecesse de executá-la ao amanhecer, com isso ela mantém sempre uma curiosidade do rei. Segundo Mernissi, esta personagem da história "As mil e uma noites" faz com que nós sejamos mais ousados e confiantes em nós próprios e em nossa capacidade de transformar o mundo e seus habitantes.[58]

A personagem Vera que se tornou também amiga de Alexandre é de uma importância grande para ele, uma vez que o ajudou a vencer o medo do escuro que como podemos ver ele fez desenhos no medo para que ele fosse embora da vida de Alexandre. Os amigos que são verdadeiros ajudam as outras pessoas e estão sempre ao seu lado tanto nas horas felizes como nas difíceis e esta personagem demonstra ser uma amiga de

---

[57] ALVAREZ apud MALZYNER, *Revista Brasileira de Psicanálise.* 1997: 1029

verdade que na atualidade é muito difícil de se encontrar. A amizade funciona com um salvamento em relação às dificuldades e à dor.[59]

O elemento fantástico está presente nos desenhos em que Vera e Alexandre fizeram, proporcionando a libertação de todo o medo que Alexandre sentia, conseguiu realmente uma solução para um de seus problemas que o perturbavam, mas ainda não tinha conseguido alcançar todos os seus objetivos, queria muito mais, uma modificação completa em sua vida. Confirmamos isto quando Alexandre desenha uma porta. Vera consegue abrir esta porta e eles junto com o pavão saem do escuro: *E quando acabaram de rir tudo o que tinham vontade, Alexandre levantou e desenhou uma porta. Com maçaneta, fechadura, chave e tudo. Num pulo, Vera rodou a chave na fechadura, abriu a porta e os três saíram do escuro* (NUNES, *A Casa da Madrinha*, 1997: 81).

A porta aberta simboliza o interior de Alexandre que se abre para conquistar um novo sentido para a sua vida, a busca de algo que preencha o seu ser e é ele mostrando como é por dentro, tudo o que existe dentro de si , é ele se abrindo para o mundo. A criança ao criar suas brincadeiras, geralmente as fundamenta no *desaparecimento* ou no *reaparecimento* de algum objeto.[60] É que a criança é fascinada por mistério, pois este desafia a sua curiosidade.

Quantas vezes não temos que nos abrir quando não nos sentimos bem para assim tentarmos fazer com que consigamos nos libertar do que incomoda o nosso ser e possamos encontrar uma solução para os nossos problemas e é isto que acontece com o menino Alexandre, ele se abre para resolver tudo o que o incomodava. Sobre isto

---

[58] MERNISSI apud MALZYNER. *Revista Brasileira de Psicanálise.* n. 4. 1997: 1023
[59] LAUWE, Marie-José Chombart de. *Um outro mundo: a infância, Perspectiva,* 199, pág. 153.
[60] SORIANO, Marc. (apud HELD). *O Imaginário no Poder: as crianças e a literatura fantástica.* 1977: 98

comenta Jacqueline Held: *A criança não apenas se interroga sobre o homem e sobre o mundo, mas está, por muitas razões, no mesmo nivel com a sátira fantástica em que se misturam sonho e realidade: enquanto não for muito contaminada pelo ponto de vista do adulto(...)* [61]

A casa da madrinha para Alexandre representava uma nova vida para ele, um futuro melhor, onde ele encontraria tudo o que faltava para viver mais dignamente como roupa, calçado e principalmente a comida que era o que mais necessitava em seu ambiente familiar, por isso que ele sonhava com esta casa. Isto torna-se evidente quando o Augusto fala para Alexandre sobre o que existe na casa de sua madrinha há sem relação à comida:

> *- Bom, acontece que o armário branco nunca tá a fim de ver gente com buraco na barriga; então, é só a gente abrir ele, que sai pão sai bolo, sai biscoito...*
> *- Sai sorvete?*
> *- Sorvete, amendoim, cada abacaxi assim...*
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha*, 1997: 46)

Uma das características da obra "A Casa da Madrinha" é que ela representa o que muitas pessoas sonham que é a esperança de um mundo melhor, onde a justiça possa reinar e cada um tenha aquilo que pertence-lhe, que todos os direitos enquanto cidadão sejam atendidos para que a realidade das famílias que existem em nossa sociedade, principalmente das crianças seja diferente. E Alexandre é uma dessas pessoas, ele vê na casa de sua madrinha um país melhor, onde se possa viver realmente a vida. Nesse sentido o *fantástico* funcionaria como o *irreal* no sentido estético daquilo que é

[61] HELD, *O Imaginário no Poder: as crianças e a literatura fantástica*, 1977: 170)

apenas *imaginável*, se não é visível aos olhos de todos, não existe para todos, seria apenas criado pela *imaginação*, ou seja, criado apenas pela *fantasia de um espírito*.[62]

Um dos elementos fantásticos presentes na casa da madrinha é uma cadeira que tem características humanas, ela fica feliz ou triste, conforme o comportamento das pessoas e também se mexe para abrigar as pessoas para que possam dormir e acordar quando for a hora. Comprovamos isto na fala de Augusto sobre este objeto:

> *-- A cadeira é assim mesmo: fica danada da vida quando a gente obriga ela a fazer uma coisa sem querer saber ela tá topando ou não. Mas se a gente é legal e trata ela bem, aí pronto, ela fica feliz que só vendo, é só a gente sentar que ela abre os braços pra gente sentar ainda mais gostoso, se a gente diz "hmm, tô com um sono!" ela estica a frente e abaixa as costas pra gente deitar e dormir; e se você pensa "tomara que eu não durma demais, tenho que acordar às três horas", bateu três horas, batata! Ela levanta e dá um pulo, querendo ou não você acorda.*
>
> (NUNES, *A Casa da madrinha*, 1997 , 45)

Além da casa da madrinha simbolizar um futuro melhor no sentido financeiro, ainda proporcionaria para Alexandre o amor, o carinho e a atenção que ele necessitava e não tinha em sua casa. Este lugar seria uma segurança para ele e este conseguiria superar todos os seus conflitos, se renovaria, tornaria-se um novo Alexandre, sendo mais corajoso, sabendo assim enfrentar tudo o que surgisse á sua frente, todas as dificuldades. Segundo Klein, o alimento fantástico ajuda a criança em seu relacionamento com o corpo, a mente e também com as atividades cotidianas de seu mundo [63] Os sentimentos retratados por esta cadeira, o aconchego que ela transfere para as pessoas refletem aquilo que a sociedade precisa, pois vivemos em uma sociedade tumultuada, cheia de problemas

---

[62] HELD, Jacqueline. *O Imaginário no Poder: as crianças e a literatura fantástica*, 1977: 24 – 25).
[63] KLEIN apud BRITTON. *Revista Brasileira de Psicanálise*. n. 4. 1997: 867

e nós seres que habitamos nela precisamos muito deste aconchego para vencermos todas as barreiras.

E diferente desta obra percebemos que em outra "A Bolsa Amarela", Lygia Bojunga Nunes utiliza um objeto dando-lhe um outro significado, este objeto é uma bolsa que tinha vida, representava os conflitos da personagem principal chamada Raquel. Monteiro Lobato assim como Lygia Bojunga Nunes utiliza seres inanimados como: o Sr. Vidro Azul, o irmão de Pinóquio, Emília, boneca de pano e Visconde, um sabugo de milho.

Através de brincadeiras e da invenção do cavalo "Ah", Alexandre, Vera e o Pavão chegam à casa da madrinha. Este momento foi possível por causa da imaginação deles, por estes em especial Alexandre alimentarem muito o desejo de encontrar a casa da madrinha e imaginaram este lugar assim como o Augusto havia contado para o menino Alexandre e viveram momentos agradáveis, mesmo não sendo verdadeiro. Observamos isto quando eles imaginam como se estivessem encontrando a casa da madrinha:

> *E foi só rodar a chave que a porta azul abriu bem devagar, igualzinho como o Augusto tinha dito. Alexandre chamou outra vez bem alto:*
> *-- Minha madrinha! Minha madrinha! - (E o Pavão também chamou.)*
> *Nada. Nada, não: o relógio grande, comprido, de pé, batucava o tempo (gostoso mesmo. Eles ficaram parados na porta escutando o batuque, Alexandre olhava e olhava, e quase não acreditava. Estava tudo lá.*
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha*, 1997: 83)

As crianças gostam em suas brincadeiras de imaginar e com esta imaginação inventar muitas coisas, elas fazem como se objetos ou elementos da natureza fossem seres humanos e conversam, mantêm relações de amizade, dando a estes vida. E foi isto

que aconteceu com Alexandre, Vera e pavão, pois este encontro com a casa da madrinha não era real, apenas fruto da imaginação e da criatividade deles. Não só as crianças como também os adultos quando sonham em realizar alguma coisa em sua vida ficam a todo momento imaginando como tudo acontecerá e, desta forma, parece que conseguem superar muitas coisas até chegar o momento em que tudo concretiza-se. Segundo afirma Klein:

> (...) *As crianças no seu brincar muitas vezes representam a mesma coisa, tal qual apareceu em um sonho que narraram anteriormente, e freqüentemente produzem associações para um sonho por intermédio do brincar subseqüente, que essa é o mais importante meio de expressão.*[64]

Na verdade apesar de tantos esforços de Alexandre, ele não conseguiu realizar o seu sonho de encontrar a casa de sua madrinha, mas ele não desiste e continua à procura deste lugar que transformará completamente a sua vida, os sonhos ainda continuam fazendo parte de sua caminhada, ele é um menino persistente, que não desiste com facilidade. Percebemos isto quando Alexandre despede-se de Vera:

> *Tô indo m'embora. Vou mesmo pela estrada. Se eu for seguindo toda a vida eu acabo chegando lá na casa da minha madrinha.*
> - *Mas ...* - *a fala trancou.*
> - *Quê? Fala.*
> - *É que ... sei lá, toda a vida é tão comprido.*
>
> (NUNES, *A Casa da Madrinha,* 1997: 93)

Percebemos que Alexandre é uma criança que não deixa de sonhar, pois alimenta as esperanças de que um dia as coisas podem acontecer, que dias melhores virão, quando

---

[64] KLEIN apud BRITTON (idem)

terá condições necessárias para viver e que o mundo irá tornar-se mais humano, compreensivo, onde a alegria e a harmonia reinarão em nossa sociedade. O personagem Alexandre demonstra a busca por um país melhor e por uma família mais unida e amorosa. Segundo afirma Jacqueline Held, para uma criança se desenvolver com equilíbrio e harmonia ela tem necessidade de sonhar e imaginar (HELD, *O Imaginário no Poder: as crianças e a literatura fantástica*, 1977: 174).

A autora Lygia Bojunga Nunes, ao transmitir suas mensagens deixa margem de interpretação para que cada leitor possa dar uma solução para os problemas, levando as pessoas a refletirem sobre o que a mesma transmite. Segundo afirma Laura Sandroni: *Sua mensagem é sempre aberta às soluções de cada leitor, sempre questionadora e instigante.*[65]

A fantasia é um elemento que está presente tanto nas obras de Lygia Bojunga Nunes como nas de Monteiro Lobato e esta faz parte da vida da criança, pois ela é muito sonhadora e em contato com obras que enfatizam este elemento consegue entender o que acontece em nossa sociedade e superar com mais facilidade os seus problemas interiores.

---

[65] (SANDRONI, *De Lobato a Bojunga. As Reinações Renovadas*, 1987:166).

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a analise da obra "A casa da madrinha" percebemos que esta é uma obras que retrata a realidade da sociedade em que vivemos, a forma como as pessoas convivem com os vários problemas que existem, em especial a criança.

Durante o decorrer de nossa análise notamos como nossa socíedade está estruturada, que as famílias como a família de Alexandre, ainda, existem e são desprezadas pelo sistema capitalista marcante em nosso país, onde através de tantos esforços de vários instituições não se consegue modificar esta realidade.

Vimos o quanto é difícil para a família do menino Alexandre conseguir conviver com os vários problemas que enfrenta em seu dia a dia e isto esteve presente na vida do menino Alexandre, que se apresentava como uma criança que tinha conflitos por causa de tudo aquilo que percebia ao seu redor, mostrava-se uma criança aflita que não conseguia viver a sua infância como uma criança normal.

Constatamos que a criança é um ser sensível e a mesma sente muito mais que um adulto o que acontece em sua volta, mas que ela através da fantasia consegue libertar-se de tudo o que sente e distanciar-se do que enxerga à sua frente, no caso a realidade e esta criança nos surpreende com suas atitudes.

Percebemos assim que a realidade, a fantasia, a família e a criança são elementos que fazem parte da narrativa da autora Lygia Bojunga Nunes, ela mostra-nos de forma simples os problemas e deixa os leitores curiosos a cada nova idéia que transmite,

apresentando semelhanças e diferenças com o autor Monteiro Lobato, pois estes fazem parte da mesma fase, o modernismo.

Portanto a autora Lygia Bojunga Nunes atrai a criança para o seu universo literário e assim desperta a criança para que ela seja um adulto diferente no futuro, que olhe para os problemas com mais criticidade, por isso o livro infantil deve estar presente na vida da criança, como também confirmamos que a realidade deixa marcas nas pessoas, principalmente nas crianças.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BERGER, Peter L. e LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento** (coleção antropologia 5). 15 ed. Petrópolis. Rio de Janeiro, Vozes, 1998.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 12 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1980.

BRITTON, Ronald. **Realidade e Irrealidade na Fantasia e na Ficção.** Revista Brasileira de Psicanálise. Londres. v. 31 (4): 865-887, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil. Teoria – Análise – Didática.** 6 ed. São Paulo. Ática, 1997.

CHIARI, Tatiana. **Dona de casa e... com orgulho. Por que algumas mulheres preferem cuidar da casa, do marido, dos filhos e delas próprias à trabalhar.** Veja. São Paulo, n.° 7, p. 124-125, fevereiro, 2000.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **O que é realidade**. (Coleção primeiros passos; 115). São Paulo. Brasiliense, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **Literatura infanto-juvenil: Arte ou pedagogia moral?** São Paulo: Cortez, 1983.

FRANÇA, Maria Inês. **Psicanálise, Estética e Ética do desejo**. (coleção estudos: 153). São Paulo Perspectiva, 1997.

FRANÇA, Valeria e CARVALHO, Joaquim de. **O suor do pequenos. Num pais que come, veste e dorme em produtos do trabalho infantil, 7,5 milhões de crianças e adolescentes passam o dia no batente.** Veja. São Paulo, n.° 35, p. 70-80, agosto, 1995.

GOLEMAN, PHD, Daniel. **Inteligência Emocional.** A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. 27 ed. Rio de Janeiro. Objetiva, 1995.

HALL, Cálvin Springer & LINDZEY, Gardner. **Teorias da personalidade**. 18 ed. São Paulo. EPU, 1984.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica.** São Paulo. Summus, 1977.

KLINTOWITZ, Jaime. **Crime contra o futuro. Longe do horror da FEBEM há exemplos de como salvar nossas crianças do abandono.** Veja. São Paulo, n.° 38, p. 116-121, setembro, 1999.

LAUWE, Marie-José Chombart de. **Um outro mundo: a infância**. (coleção estudos; v 105). São Paulo. Perspectiva, 1991.

MALZYNER, Mirian. **Viagens ao Mundo da Realidade Alguns Aspectos da Função Analítica e o Campo da Ilusão Criativa.** Revista Brasileira de Psicanálise. São Paulo. v. 31 (4): 1019-1033, 1997.

NUNES, Benedito . **Passagem para o Poético**. Filosofia e poesia em Heidegger. Ensaios 122. São Paulo. Ática, 1986.

NUNES, Lygia Bojunga. **A Casa da Madrinha.** Coleção "4 Ventos". 17 ed. Rio de Janeiro. Agir, 1997.

REIS, Eliana Schueler. **Uma, Três ou Mais Coisas Que o Sonho Faz.** Revista Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro, v. 31 (I): 175-182, 1997.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga. As Reinações Renovadas.** Rio de Janeiro. Agir, 1987.

Revista Semestral do Centro Universitário FIED, Osasco, n.° 3, Ano 2, 2000.

VALADARES, Carolina eti alli. **Almanaque Abril**, 28 ed. São Paulo: Abril, 2002.

VEIGA, Ainda. **Precisam-se: pais. Estudo ressalta a importância da influência paterna na formação dos filhos**. Veja. São Paulo. n.° 1626, p. 100-104, dezembro, 1999.

w.w.w.aids.gov.br./final/Biblioteca/alcool-indios/art.2htm.